

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

GIOVANNA ABELHA

PERIGO AMARELO? UMA DISCUSSÃO SOBRE O IMAGINÁRIO DA CULTURA
CHINESA A PARTIR DE ANÁLISES DE MATÉRIAS JORNALÍSTICAS DA BBC
BRASIL NO INÍCIO DA CRISE DA COVID-19

Uberlândia

2024

GIOVANNA ABELHA

**PERIGO AMARELO? UMA DISCUSSÃO SOBRE O IMAGINÁRIO DA CULTURA
CHINESA A PARTIR DE ANÁLISES DE MATÉRIAS JORNALÍSTICAS DA BBC
BRASIL NO INÍCIO DA CRISE DA COVID-19**

Monografia apresentada na Universidade
Federal de Uberlândia como requisito
parcial para obtenção do título de
bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Nuno Manna

Uberlândia

2024

A todos os dias que me trouxeram até aqui. E, com certeza, à Katia, minha mãe, já que foi ela quem sempre lutou comigo por cada um deles.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, infinitamente, à minha mãe. Não somente pelo fato de que ela merece todo tipo de reconhecimento, por tudo o que ela é e por tudo o que já viveu. Mas agradeço especificamente por cada momento em que ela jamais duvidou de mim e sempre esteve do meu lado, mesmo quando eu nem sabia que precisava. Por todas as vezes que meu dias pareciam difíceis demais e eu tentava lidar sozinha com todos eles, mas sem que eu pedisse ajuda ou demonstrasse minhas fraquezas, ela parecia sentir que eu precisava de um “Oi, filha. Estou com saudades. Você tá bem?”. Obrigada, mãe. Isso sempre me salvou de muita coisa. Trilhamos um caminho bem tortuoso, mas chegamos muito longe. Juntas. Sempre. Te amo por isso e por todo o resto.

E por isso, agradeço em segundo lugar a mim mesma. Ainda que pareça autocentrado, precisei lutar muito por mim, pelos meus sonhos e pela vontade de continuar em frente. Chegar até aqui é muito mais do que uma realização. É poder olhar para trás e não me arrepender das escolhas que fiz, nem mesmo das erradas, pois sem elas jamais teria encontrado as certas; e talvez não tivesse chegado até este momento, da forma como cheguei. Agradeço as minhas versões anteriores por não terem desistido, e por tornarem possível que as novas versões trilhem o caminho que desejarem trilhar.

Também não poderia deixar de agradecer uma imensidão de pessoas que estiveram comigo ao longo de todos esses dias vividos até aqui. Primeiro, obrigada Robinson Ishijima, por ter sido uma parte tão importante da minha vida e por sempre me deixar feliz quando lembro de você. Obrigada por ter sido inesquecível. E obrigada pelo tanto que já me ensinou, em diversas coisas, mas principalmente por tudo o que me ajudou nesta pesquisa que também carrega um pouquinho de você.

Na sequência, agradeço todos os amigos que cultivei na vida. Sem vocês tudo teria sido bem mais chato. Obrigada aos meus queridos amigos do Tyto Alba, Amanda, Milena, Rafael, Carol, Aline, Erik, Lucas e, especialmente, ao Gustavo — por ser meu amigo desde quando consigo me lembrar e por ter dividido tantos anos de memórias comigo. Obrigada também aos meus amados Vileigas, Leão e Jaqueline, por tornarem meus anos de cursinho tão mais divertidos. Obrigada aos meus companheiros da UFU, Isadora, Julia, Estela, Ulisses, Felipe, Sarreta, Gabriel, Sabrina, Vivian, Janaína, Théo e Vinicius por terem sido as melhores companhias

que eu poderia ter pedido nesse curso (entre fixos e artificiais, salvaram-se todos). E obrigada à Thais, Betina, Leandro, Alex, Isabela, Alfredo, Fernanda Vieira, Cleide, Izadora e todos os amigos que me acolheram com tanto carinho na TV Integração e me fizeram continuar olhando o jornalismo com tanto amor.

Agradeço, ainda, a todos os professores que me marcaram de alguma forma ao longo dos meus dias. Mas em especial, obrigada Thata Cari e Luciana por terem me inspirado e ensinado tanto durante meus últimos anos de escola. E obrigada Nicoli Tassis e Nuno Manna, por terem me recebido no Grupo Narra desde tão cedo no curso, por me apoiarem em diversos momentos na graduação e também por me inspirarem a querer ser mais.

E, por fim, não posso esquecer de também agradecer aos professores Bruno Leal e Filipe Mendonça, que muito gentilmente aceitaram compor minha banca avaliadora e tirar um tempo para debater e fazer trocas sobre essa temática e marco na graduação tão importantes para mim.

Obrigada, na verdade, a todo mundo que passou pela minha vida. Aprendi muito com todos. E espero poder continuar aprendendo com aqueles que seguirão comigo daqui pra frente. Sou muito grata pela vida e por tudo aquilo que ela conseguiu me mostrar que vale a pena lutar. Ansiosa para descobrir quais serão os meus próximos dias...

ABELHA, Giovanna. **Perigo amarelo?** Uma discussão sobre o imaginário da cultura chinesa a partir de análises de matérias jornalísticas da BBC Brasil no início da crise da COVID-19. 104 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.

RESUMO

Este trabalho busca problematizar como a China foi narrada, a partir de seus aspectos sócio-históricos, pelo jornal digital da BBC Brasil, durante a emergência da COVID-19. Sob uma perspectiva teórico-metodológica que compreende a comunicação a partir da relação entre narrativa, cultura e temporalidade, a pesquisa coletou e analisou as matérias publicadas no veículo durante os primeiros meses de surgimento do vírus (dezembro de 2019 e janeiro de 2020). Com essa análise, buscamos apontar, de modo contextual, como as narrativas sobre a China, dentro desse contexto de cobertura jornalística da crise sanitária, atravessaram e destacaram compreensões em torno da cultura chinesa, na medida em que construíram e compartilharam sentidos sobre as formas de vida do país asiático. Assim, pudemos observar como o atordoamento causado pela COVID-19 se tornou uma chave para interpretação de tensões e disputas, que atravessaram tanto as noções de normalidade individuais e coletivas dos indivíduos quanto dos próprios ordenamentos da instituição jornalística.

Palavras-chave: China, Narrativa, Imaginário, Catástrofes, BBC Brasil

ABELHA, Giovanna. **Perigo amarelo?** Uma discussão sobre o imaginário da cultura chinesa a partir de análises de matérias jornalísticas da BBC Brasil no início da crise da COVID-19. 104 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.

ABSTRACT

This work seeks to problematize how China was narrated, from its socio-historical aspects, by the BBC Brasil digital newspaper, during the COVID-19 emergency. From a theoretical-methodological perspective that understands communication from the relationship between narrative, culture and temporality, the research collected and analyzed the articles published in the vehicle during the first months of the virus' emergence (December 2019 and January 2020). With this analysis, we sought to point out, in a contextual way, how the narratives about China, within this context of journalistic coverage of the health crisis, crossed and highlighted understandings around Chinese culture, insofar as they constructed and shared meanings about the ways of life in the Asian country. In this way, we were able to observe how the shock caused by COVID-19 became a key to interpreting tensions and disputes, which crossed both individual and collective notions of normality, and the journalistic institution's own orders.

Keywords: China, Narrative, Imaginary, Catastrophes, BBC Brasil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 SER POR SI MESMO E PERANTE O OUTRO	21
2.1 Crise Vs. Jornalismo: perspectivas de realidade	22
2.2 Zhōng guó Vs. China: atordoamentos e imaginários	32
3 O MUNDO É FEITO DE NARRATIVAS	40
3.1 Wuhan, China e mundo: Dentro e fora dos muros da COVID-19	47
3.2 Tomada de consciência: de si, do mundo e da própria ação	65
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	84
ANEXO A – MATÉRIA “CORONAVÍRUS: COMO É WUHAN, A CIDADE CHINESA ONDE SURTIU SURTO DE CORONAVÍRUS E QUE FOI ISOLADA”	86
ANEXO B – MATÉRIA “CORONAVÍRUS: COMO O SURTO ESTÁ ESPALHANDO ANTIGOS PRECONCEITOS SOBRE A CHINA E SEUS HÁBITOS CULTURAIS”	95

1 INTRODUÇÃO

Acredito que não há forma melhor de dizer do que se trata esse trabalho do que lançar o seguinte questionamento: O que é China para você?

A depender de quando nos deparamos com essa pergunta, a resposta pode se apresentar dentro de uma variedade indefinida de possibilidades. Isso acontece porque a forma como percebemos o mundo e o narramos está fortemente ligado ao modo com que o experienciamos e somos atravessados por ele. Nesta pesquisa pretendemos entender como essa relação de compreensão está relacionada com a forma com que entendemos e imaginamos a China, a partir daquilo que lemos, vemos, ouvimos, assistimos, observamos, debatemos, (re)configuramos.

E este ato de olhar para o mundo e ele nos olhar de volta é algo que nos faz compreender a complexidade das relações. Ele é importante pois nos faz entender que ao ouvirmos o questionamento sobre “O que é a China?”, não necessariamente aquilo que respondermos é o que de fato a China representa em sua integridade. São percepções. São fragmentos de uma história muito maior e ainda mais complexa do que somos capazes de responder. Por isso, aqui não conseguiremos dar uma resposta definitiva do que é essa China que estamos estudando, e nem temos essa pretensão.

Durante o surgimento da COVID-19, por exemplo, sabemos que uma série de narrativas sobre esse país asiático foram expressadas por pessoas, pela mídia, por especialistas, ou ainda por figuras públicas. E para quem viveu todo o desenrolar do vírus no mundo, desde os primeiros avisos recebidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 31 de dezembro de 2019¹, até a declaração do fim da pandemia em 5 de maio de 2023², a percepção sobre a China esteve sujeita a diversos atravessamentos de opiniões, dados, relatos, informações e, não podemos esquecer, desinformação. E ao longo dos mais de 3 anos de pandemia, de um vírus que até o momento de escrita deste trabalho não foi erradicado, pude perceber que não foram apenas questões ligadas ao vírus que chegaram até mim e até grande

¹ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 15 abr. 2024

² Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em: 15 abr. 2024.

parte da população mundial. Aqueles que acompanharam minimamente os jornais, ou até mesmo as redes sociais, sabem dizer que os chineses se tornaram um grande foco nesse período. Sim, o vírus surgiu dentro da China, mas o que também (re)surgiu com isso foi uma série de narrativas ancoradas em estereótipos, preconceitos e violências.

Contudo, para essa questão não me restam dúvidas e não caberia aqui realizar uma pesquisa científica sobre algo que existe uma resposta concreta para mim: a pandemia expandiu e deu força a preconceitos nunca superados contra os chineses. Mas então, que tipo de respostas essa pesquisa buscaria? Foi pensando nisso que eu pretendi trazer a essa discussão a minha própria profissão: o jornalismo, em uma tentativa de tentar compreender de onde vem e como são perpetuadas essas narrativas e imaginários sobre a China, a partir de análises em matéria jornalísticas publicadas durante a crise da COVID-19. Mas vamos por partes.

Em primeiro lugar, é importante evidenciar que este trabalho, antes de se tornar uma monografia, começou como uma Iniciação Científica Voluntária (nov/2022 - nov/2023), vinculada ao grupo de pesquisa Narra, ao qual faço parte desde 2021 e desenvolvida em uma articulação com o projeto Catástrofes Cotidianas, apoiado pelo CNPq (Edital Pró-Humanidades 2022). Em razão disso, esta pesquisa está ligada, não apenas ao arcabouço teórico-metodológico da Narrativa, Cultura e Temporalidade com que o grupo trabalha, como também à temática do “atordoamento”, que é uma discussão abordada por Nuno Manna (um dos líderes do Narra e orientador desta pesquisa) em diferentes trabalhos que elaborou com autores que, inclusive, são citados ao longo do texto.

Uma “catástrofe” se dá, portanto, quando uma probabilidade não se efetiva, quando o cálculo pragmático, espontâneo, mimético, ultrageneralizado que constitui nossa ação não cumpre suas expectativas, quando essa pequena aposta no futuro não se realiza (Leal; Gomes, 2020, pg. 36)

Por conta dessa temática, e por ter sido uma aluna de graduação que entrou na Universidade em pleno estopim da pandemia do novo coronavírus, percebemos que seria uma boa oportunidade de assumir essa crise sanitária, em especial os primeiros dois meses de surgimento do vírus (que se deu entre dez/2019 e jan/2020) como um marco da emergência do atordoamento e desordenamento das noções de tempo e realidade da população — em um período marcado por discussões em

torno da COVID-19 e da China, que se tornou foco de debates por ser o país que abriga a cidade de origem do vírus (Wuhan). Dessa forma, o recorte pandêmico foi definido para compreendermos que este cenário acabou amplificando o resgate, ou até mesmo a construção, de opiniões sobre o país e sua cultura, que eram diversas e, definitivamente, complexas. Ou ainda, podemos dizer que dentro de uma realidade em atordoamento, serviam muito mais como uma forma de trazer algum sentido imediato ou justificativa para a realidade que se apresentava, do que ter o propósito de serem ou não coerentes e coesas com ela.

Aqui, compreendemos a pandemia como uma catástrofe que, sim, foi marcada por dificuldade, medo, instabilidade, atordoamento, confusão, entre outros sentimentos atravessados pela dor diante do desconhecido e da morte. Contudo, “ainda que impliquem em perdas, algumas catástrofes abrem o estado do mundo para o novo, (re)ordenando possíveis de modo a colocar categorias interpretativas em disputa” (França; Caldeira; Janay; Barbosa, 2020, p 193), ou seja, a pandemia também é um cenário de transformações, que nos permite observar as relações em um grande estado de modificações — buscadas como forma de reencontrar os sentidos de ordenamento perdidos.

Sob esta chave de leitura, deixa-se de lado a negatividade implicada sobre o futuro pós-catástrofe naquela compreensão calamitosa do termo. Simultaneamente, preserva-se a ênfase na sua potência de ruptura de quadros de inteligibilidade e modos de vida. (França; Caldeira; Janay; Barbosa, 2020, p. 193)

Nesse sentido, pretendi fazer uso da cobertura jornalística em torno desse contexto de catástrofe e caos cotidiano, apresentado com o surgimento da COVID-19, não apenas por cursar jornalismo, mas como forma de compreender como este, atordoado pela crise, inserido em sociedade e imerso por suas próprias questões, deu (ou buscou dar) conta de narrar os fatos ao mesmo tempo em que atravessava e era atravessado pelo imaginário sobre a China — em uma tentativa descontrolada e inesperada de enxergar sentido no mundo e no atordoamento, na mesma medida em que precisou encarar e repensar sua própria prática noticiosa.

Além disso, a escolha por matérias jornalísticas para essa análise também se torna importante pelo fato do jornalismo, apesar de também ser um instituição abalada pelo inimaginável da pandemia, ainda ter buscado ordenar sua produção a partir de uma rotina que é indispensável para garantir que os jornais existam e sejam divulgados. Ou seja, mesmo em momentos de crise, que abala a própria instituição e

quebra as noções de realidade, ainda assim foi preciso noticiar o mundo de alguma forma e encontrar formas de se (re)organizar. E isso é o que nos garante um material que de forma concreta e periódica sempre nos é oferecido.

E para que essa análise das matérias fosse possível, tivemos que definir de onde elas seriam coletadas. Ainda durante a Iniciação Científica, a ideia inicial do projeto era analisar a produção das principais Agências de Notícia do mundo, que são United Press Internacional (EUA), Associated Press (Nova York), Reuters (Londres) e Agence France Presse (França). A ideia era trazer uma reflexão sobre como a produção dessas agências poderiam homogeneizar as discussões em torno da China, já que muitos veículos fazem uso desses materiais para produzir seu próprio material. Contudo, pela dificuldade de acessar as matérias desses veículos e realizar as coletas, foi necessário optarmos por jornais digitais que tivessem todo seu conteúdo disponível de forma gratuita e on-line.

Assim, nosso critério de seleção foi voltado para escolher entre aqueles que seriam os jornais mais populares e com mais acessos. Chegamos aos nomes da BBC e CNN. E com o objetivo de compreender as complexidades de uma análise sobre jornais originalmente estrangeiros, em relação às suas sucursais nacionais – como forma de observar as diferenças entre os países nas relações e no trato com outras culturas –, decidimos por escolher especificamente pela BBC Brasil e CNN Brasil. Entretanto, percebemos que esta última havia chegado ao Brasil apenas em março de 2020, o que não era interessante ao nosso objetivo de analisar a emergência do vírus. Por isso, decidimos continuar apenas com a BBC Brasil, antiga no país (desde 14/03/1938)³ e com uma vasta quantidade de materiais publicados no período que escolhemos analisar.

Logo na IC conseguimos compreender algumas questões que nos atravessaram ao longo da coleta e análise geral dos materiais. Por isso, quando definimos que continuaríamos com a mesma temática no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pensamos em várias possibilidades de expansão da discussão, e acabamos definindo que, melhor do que expandir o escopo da nossa amostra de materiais, seria mais interessante e traria mais profundidade às nossas discussões se optássemos por escolher matérias específicas dentro da nossa coleta, de forma

³ Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/institucional/090120_expediente_tc2. Acesso em: 15 abr. 2024

que pudéssemos analisá-las mais profundamente e elaborando melhor a discussão no trabalho.

E como ficou supracitado, esta pesquisa é um trabalho que, antes de tudo, está ligada ao Grupo de Pesquisa Narra, que traz como norteador de suas leituras, discussões e produções o arcabouço teórico-metodológico da narrativa, cultura e temporalidade. Estes três termos, muito abordados isoladamente, ganham uma nova perspectiva quando elaborados de modo articulado e interconectado. Dessa forma, quando pegamos qualquer um dos termos isoladamente, percebemos que eles resgatam de alguma forma a importância de considerar os demais para pensá-lo.

Paul Ricoeur, um importante teórico para o Grupo Narra, disse em seu livro “Tempo e Narrativa” (1994, p. 84) que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal”. A frase do filósofo francês traz uma reflexão que traduz muito bem a interlocução que consideramos quando elaboramos uma pesquisa baseada em narrativa, cultura e temporalidade. Uma leitura possível dessa sentença, seria que as pessoas, dentro de suas perspectivas individuais e sociais, ao narrarem suas experiências, tornam possível que as coisas passem a existir, a ter sentido, a serem percebidas e atravessadas por outras existências na medida em que são situadas no tempo. De forma ainda mais simples, podemos pensar na construção de uma frase, que ao ter as palavras ordenadas em um período, passa a existir com um sentido, que por sua vez é percebido ou construído de diferentes formas a depender de quem cria o ordenamento e de quando isso é feito — já que uma frase pode ser entendida de diferentes formas em diferentes momentos na história.

Nesse sentido, acredito e persigo neste trabalho a importância de olhar para o mundo através dessa perspectiva “narrativizante” (Leal, 2022), temporal e regada a diferentes modos de vida, uma vez que, sem eles, se torna impossível perceber a complexidade da vida, da existência e das relações. Quando pensamos em narrativas, por exemplo, muitas vezes as associamos “à ficção e tantos outros modos específicos de narrar, como aqueles típicos do cinema comercial hollywoodiano e das telenovelas” (Leal, 2022). Isso acontece porque fomos ensinados a compreender que as narrativas apresentam algo de ficcional, e os relatos apresentam algo de real, criando uma divisão entre real-ficcional que muitas vezes não se sustenta.

[...] não só a ficção faz parte da realidade social, como dialoga com ela o tempo todo; nossa relação com o mundo é assentada, por sua vez, num gesto imaginativo fundamental. Com isso, vemos que muito do que vivemos não cabe nessa oposição binária, que se apresenta então redutora e simplista. Entender que há um elemento fabular em toda ação humana não é, por certo, dizer que tudo é “ficção”. (Leal, 2022, p. 58)

Como já discutimos, sempre que relatamos alguma coisa, é preciso compreender, interpretar e fazer escolhas narrativas, mesmo que estejamos falando sobre algo que nos contaram, algo que vimos, ou até mesmo sobre nossa própria história. Sempre que falamos sobre nós mesmos, mas para diferentes pessoas e em dias diferentes, escolhemos evidenciar, subtrair ou até mesmo modificar detalhes ou ordenamentos da história. Isso pode ser feito por diversos motivos, conscientes ou não, mas o fato é que mudamos nossa forma de narrar na mesma medida em que mudamos a percepção da nossa própria existência ao nos relacionarmos com pessoas diferentes, em momento diferentes da vida.

[...] narrar é mais que uma forma textual, pois está intimamente ligado à apreensão e à inteligibilidade das coisas e de nós mesmos. A narrativa é um modo, antropologicamente situado, de dar sentido ao mundo, aos acontecimentos, às pessoas. É ela mesma um agir, que contribui para dinâmicas das relações culturais e das experiências humanas. (Leal, 2022, p. 16)

E assim, ao narrarmos, por exemplo, a cultura do outro, estamos sujeitos a expressar não apenas o que aquela cultura é de fato, mas também as nossas próprias apreensões sobre ela. No ensaio “Cultura é algo comum”, o autor Raymond Williams (2015) explica que a cultura seria algo comum por representar os significados e modos de vida que pertencem a um povo e que configuram as experiências que eles têm enquanto indivíduos e enquanto parte de um coletivo.

Ele ainda explicita que há outros dois sentidos para a cultura que ele discorda, entre eles cito o referente a um “sinal externo e enfaticamente visível de um tipo especial de pessoa” (Williams, 2015, p. 6), ou seja, entra na perspectiva de quando tratamos algumas culturas como melhores ou superiores a outras em razão de diferenças vistas como ‘mais cultivadas’, mais ‘desenvolvidas’. E vale ressaltar que, em seu verbete sobre cultura, do livro “Palavras-chave” (2007), Williams ainda elenca as três categorias de uso da cultura:

(i) [...] descreve um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético a partir do S18; (ii) [...] indicando um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade

em geral, [...]; (iii) [...] descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística. (WILLIAMS, 2007, p. 121).

E para entendermos que uma cultura jamais será melhor do que outra, e que não deveríamos realizar comparativos baseados em uma regra linear de progresso, precisamos falar em temporalidade. Ainda que ‘tempo’ nos remeta à História que aprendemos na escola, é importante compreender que a ‘temporalidade’ se trata, além do tempo histórico, de um termo que compreende, principalmente, uma noção fluida da experiência temporal. Nós temos uma tendência a compreender o mundo a partir de uma sucessão de fatos que seguem um ordenamento de passado, presente e idealização de futuro. Ainda que possamos olhar para esses marcos como uma forma de nos orientar sobre determinados fatores e origens, ou ainda como forma de aprendermos sobre alguns fatos históricos, é importante compreendermos que presente, passado e futuro estão intimamente conectados. Ou seja, não podemos dizer que as percepções vividas em tempos anteriores (de 10, 50, 1000, infinitos anos atrás), sejam para sempre perdidos dentro da sucessão dos dias. Muitas vezes, aquelas percepções que existiram anos atrás foram apenas (re)configuradas para os dias atuais. E na medida com que as experiencio no hoje, também modifico a percepção que tinha delas no passado, quando as vivi anteriormente. Assim, aquilo que em tese teria se perdido, volta a existir com uma nova roupagem, um novo sentimento de percepção sobre o mundo. E da mesma maneira, modifica a forma com que eu idealizo o futuro. E essa é a principal questão que busco compreender ao observar as analisar as narrativas sobre a China, seus imaginários e sua história eternizadas pela escrita jornalística, em um período tão adverso para o mundo.

Desse modo, como forma de avançar nessas discussões e objetivos, esta monografia foi dividida em 3 capítulos. O primeiro, que foi este introdutório, apresenta uma série de articulações que vão desde apresentar de onde veio a motivação para realização da pesquisa, bem como o seu processo de realização desta (definições, objeto, coletas, etc), além de introduzir o arcabouço teórico-metodológico que ancora toda a discussão aqui pretendida.

O segundo capítulo, intitulado “Ser por si mesmo e perante o outro”, foi pensado para apresentar novas camadas às questões de narrativa, cultura e temporalidade expostas na introdução, além de lançar inquietações sobre as diferentes formas de narrar o mundo. Dessa forma, passamos inicialmente para o

tópico das discussões entre Jornalismo e crise, no qual são apresentadas análises e teorias de autores que buscam discutir a complexidade da prática jornalística, em especial em um contexto de crise que abalou, para além do mundo, as próprias instituições noticiosas. Já o segundo tópico do capítulo busca elaborar sobre as diferentes formas de narrar e imaginar a China, avançando em uma busca sobre como sua história é contada no tempo. Para isso, ancoramos todas essas frentes de debate, apresentadas neste capítulo, em diferentes autores como jornalismo, atordoamento, crise, China ou imaginário, sendo alguns dos principais: Nuno Manna, Bruno Leal, Mauro Wolf, Nelson Traquina, Michel Maffesoli, Wolfram Eberhard, entre outros.

Por fim, o último capítulo, intitulado “O mundo é feito de narrativas”, partimos efetivamente para as análises de todo o material coletado e, inclusive, mais profundamente para duas matérias selecionadas como modelos de análise: (1) “Coronavírus: como é Wuhan, a cidade chinesa onde surgiu surto de coronavírus e que foi isolada⁴” e (2) “Coronavírus: como o surto está espalhando antigos preconceitos sobre a China e seus hábitos culturais⁵” (ambas linkadas no rodapé e disponíveis na íntegra nos anexos deste trabalho). Assim, foi feita uma articulação com todas as discussões anteriormente apresentadas, de forma a buscar questionamentos ainda mais específicos que apareciam diante das matérias produzidas pela BBC Brasil, em especial aquelas que, de alguma forma, nos faziam pensar sobre como a compreensão em torno da China está diretamente voltada a forma como ela é narrada e apresentadas pelas pessoas e pela mídia. Para isso, também dividimos esse capítulo em dois tópicos, cada um dedicado a aprofundar nas duas matérias principais, mas também como forma de articular as questões que elas apresentavam sobre a cultura chinesa (como organização social, questões políticas, econômicas e alimentares, entre outras) com os demais materiais que encontramos na coleta inicial do material — bem como outras produções, algumas até mesmo fora do recorte pandêmico que definimos, mas que foram indispensáveis

⁴ Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51216386#:~:text=Poss%C3%ADvel%20origem%20do%20v%C3%ADrus&text=Embora%20a%20China%20n%C3%A3o%20tenha,do%20servi%C3%A7o%20chin%C3%AAs%20da%20BBC>. Acesso em: 15 abr. 2024.

⁵ Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-51305487#:~:text=%20O%20surto%20do%20novo%20coronav%C3%ADrus,BBC%20News%20Brasil%20por%20email>. Acesso em: 15 abr. 2024.

para trazer nossas problematizações diante das análises e discussões apresentadas.

2 SER POR SI MESMO E PERANTE O OUTRO

Olhar para o mundo, compreendê-lo e contar as diferentes histórias que nos atravessam significa acionar um “olhar narrativizante” (Leal, 2022), ou seja, seria compreender o nosso redor não apenas por relatos isolados marcados na história, mas compreender a complexidade por trás deles a partir das diversas narrativas que o tornam reais e inscritos no tempo. Da mesma forma, ter consciência de si mesmo e dessa história composta por tantos marcos coletivos, em meio a esses relatos individuais, é um esforço que muitas vezes se faz necessário para que a diversidade de narrativas não se percam ou sejam deslocadas de seu sentido. Em “Relatar a si mesmo” (2015), Judith Butler diz que “o ‘eu’ não tem história própria que não seja também a história de uma relação — ou um conjunto de relações — para com um conjunto de normas”, e ainda que neste trecho a autora esteja falando sobre indivíduos e sua relação consigo mesmos e com o outro, acredito que é uma passagem que nos ajuda a compreender as diferenças em compreender a China a partir de um olhar homogeneizante e orientalizado, e a observar a partir de suas especificidades históricas, sociais, culturais e narrativas.

Atualmente, falar sobre China não é simplesmente olhar para o país e compreendê-lo tal qual ele é. Em face de toda a história vivida, de todas as narrativas contadas e de todas as complexidades compartilhadas, nossa concepção do que representa a China sempre estará carregada de aspectos sociais que se desenrolaram no tempo e que atravessam nossas perspectivas e entendimentos sobre o outro. Por isso, narrar sua história e seu povo a partir daquilo que vemos, ouvimos, lemos e reproduzimos sempre estará marcado por experiências que são individuais à nossa perspectiva ocidentalizada, e não necessariamente estarão de acordo com o que de fato é vivido e experienciado entre os chineses. Após a COVID-19, por exemplo, podemos nitidamente perceber como as narrativas sobre a China variam de acordo com as experiências que cada indivíduo teve com a história do país. Assim, o surgimento de uma doença nesse território pode resgatar tanto concepções estereotipadas quanto historicamente situadas, e isso dependerá justamente de que “relação — ou um conjunto de relações —” somos capazes de fazer.

Para Bruno Leal (2022, p. 16), a narrativa é uma forma de compreender as coisas e nós mesmo, “é um modo, antropologicamente situado, de dar sentido ao

mundo, aos acontecimentos, às pessoas. É ela mesma um agir, que contribui para as dinâmicas das relações culturais e das experiências humanas”. Por isso, neste capítulo inicial, acredito que seja importante narrar aqui algumas perspectivas que me atravessam quando penso em China e que, de certa maneira, são alguns conceitos e sentidos indispensáveis para o objetivo principal desta monografia: entender como a compreensão em torno da China e do seu imaginário aparecem e se configuram na cobertura jornalística da BBC Brasil sobre a COVID-19, e como podemos discutir narrativa, cultura e temporalidade a partir dos elementos ligados ao país asiático que são apresentados nas matérias que selecionamos.

Acredito e persigo neste trabalho a importância de olhar para o mundo através dessa perspectiva “narrativizante” (Leal, 2022), temporal e regada a diferentes modos de vida, uma vez que, sem eles, se torna impossível perceber a complexidade da vida, da existência e das relações. Portanto, a partir dos meus atravessamentos e experiências, apresento aqui uma busca científica muito mais preocupada em mostrar essas complexidades em torno do mundo, do que em ter a pretensão em definir o que é certo ou errado quando narramos uma sociedade. É claro que algumas coisas já identificamos socialmente como problemáticas, por exemplo quando reforçamos determinados estereótipos racistas e xenofóbicos em torno de pessoas e culturas. Mas fora algumas obviedades que nossa sociedade já definiu em acordo, a partir de diretrizes legais e éticas, é importante que a gente também acorde aqui que o trabalho de um pesquisador é justamente, de forma sensata, olhar ao seu redor a partir dos mecanismos que nos são apresentados e questionar. E aqui farei isso, de forma individual e coletiva.

Desta forma, serão apresentados tópicos nos quais buscarei explicitar alguns temas gerais que serão necessários para introduzir as bases de análise das matérias que traremos em profundidade no capítulo seguinte. Passaremos por atordoamento, jornalismo, pandemia, China e imaginário, para somente então termos condições de explorarmos outras especificidades em torno das discussões narradas pela BBC Brasil sobre China durante a crise de COVID-19.

2.1 Crise Vs. Jornalismo: perspectivas de realidade

Ainda que esta monografia não seja sobre a COVID-19 propriamente, este período de crise na história escolhido para a pesquisa será importante para

direcionar nosso olhar para um tempo marcado pelo atordoado da realidade graças ao surgimento de um vírus que infectou e matou a população mundial sem precedentes. As pessoas se viram com suas noções de realidade e projeções de futuro abaladas, e precisaram encontrar novas formas de fazer compreensão no mundo, a partir das relações que desempenhavam com o outro, consigo mesmas e com o seu redor. E nesse meio, os discursos que surgiram nesse período se tornaram muito mais exacerbados, precipitados, amplificados e instáveis, já que qualquer expectativa de recuperar os sentidos perdidos era agarrada com fervor e esperança.

O surgimento do novo coronavírus é aqui entendido como um cenário de crise que nos possibilita fazer uma análise sobre de que maneira um período marcado pelo “embaralhamento radical dos marcos de ordenamento referencial da realidade e de seus sentidos de normalidade, promovendo uma experiência geral de hesitação, confusão, desorientação, de atordoamento” (Manna, 2021) é capaz de atravessar as diversas percepções e narrativas que (re)surgem em uma sociedade em crise. Em um período em que um país como a China — já marcado por toda a sua trajetória e história no tempo — se torna alvo da atenção mundial, e conseqüentemente das críticas e discursos que resgatam e amplificam marcadores sócio-histórico culturalmente construídos, é possível compreender não apenas como o imaginário da população sobre uma cultura é resgatado de forma a justificar um acontecimento, mas também como o jornalismo se coloca diante dessa ação.

Dessa forma, nos aprofundarmos sobre as narrativas jornalísticas durante esse recorte de crise no tempo é uma forma de compreendermos quais foram as principais questões levantadas sobre a China durante a emergência do vírus, e a partir disso analisarmos as formas possíveis de narrar esse país, que (re)surgiram e ainda ecoam no momento presente de escrita desta monografia. E isso se faz possível, principalmente, pelo jornalismo ser uma área que, enquanto narra os acontecimentos do mundo, na medida em que os considera relevantes editorialmente, desempenha um esforço em pautar assuntos que sejam de interesse público e que, de alguma forma, parecem respigar nas decisões tomadas durante a definição do que será ou não noticiado.

Em sua trajetória na história, o jornalismo se consolidaria como uma instituição que se utiliza dos meios de comunicação para indicar o que é ou não noticiável; o que é ou não importante de ser destaque nos debates em sociedade.

Nessa relação, a profissão viria a desempenhar diversos papéis, entre eles um dos mais conhecidos e questionados até hoje: a objetividade; ou a capacidade de falar sobre os fatos sem fazer juízo de valor ou imprimir explicitamente as próprias opiniões no que está sendo divulgado à população. Seria uma função estrita em uma “relação objetiva com a realidade e no entendimento das notícias não como histórias, e sim como ‘relatórios’ impessoais dos acontecimentos” (Leal, 2022). Ou seja, seria um esforço em coletar relatos exatamente como acontecem e reproduzi-los exatamente como são, sem exercer qualquer tipo de olhar por quem escreve.

Afinal, mídias informativas e outros produtos jornalísticos justificam sua existência e sua relevância social por oferecer “a realidade”, mesmo que na forma de seus acontecimentos “mais importantes” [...] o jornalismo é credível porque se atém aos fatos verificáveis e ele se atém aos fatos verificáveis para ser credível. (Leal, 2022, p. 78)

Mas, apesar dessa relação, que se tornou um pensamento convencional sobre o jornalismo, uma outra análise possível se torna ainda mais crível entre estudiosos e profissionais da área. Hoje, é difícil pensar no jornalismo como um simples “espelho da realidade”, que considera as marcas da narração e da individualidade de quem escreve como algo indesejável. Se pensarmos que, para tudo o que relatamos, em meio a observações e compreensões que nos desprendemos a fazer, é incoerente com todo esse processo inferirmos que as notícias não possuem nenhum sinal de interpretação do repórter. A notícia que chega à população passa por decisões editoriais, de relevância, urgência e por uma diversidade de outras escolhas que tornam o relato da informação muito mais fluido. Além disso, ainda que o próprio jornalista tenha presenciado a situação no momento em que aconteceu, ou pego as informações por outras formas de apuração, de alguma maneira a realidade sempre passará pela percepção de quem noticia.

Ela [teoria do espelho] foi a primeira metodologia utilizada na tentativa de compreender porque as notícias são como são, ainda no século XIX. Sua base é a ideia de que o jornalismo reflete a realidade. Ou seja, as notícias são do jeito que as conhecemos porque a realidade assim as determina. [...] Por essa teoria, o jornalista é um mediador desinteressado, cuja missão é observar a realidade e emitir um relato equilibrado e honesto sobre suas observações, com o cuidado de não apresentar opiniões pessoais. Seu dever é informar, e informar significa buscar a verdade acima de qualquer outra coisa. Mas, para isso, ele precisa entregar-se à objetividade, cujo princípio básico é a separação entre fatos e opiniões. (Pena, 2005, p. 125).

É necessário entendermos, inclusive, sobre individualidade e coletividade. A forma como eu encaro o mundo, não necessariamente será a mesma que outra pessoa encara, mesmo que eu e esta pessoa moremos em uma mesma casa, sob as mesmas condições e relações, ou tendo as mesmas vivências. Ainda assim, minha individualidade e a do outro serão distintas em algum ponto, pois isso é o que nos faz sermos quem somos. Não apenas isso, mas a forma como nos entendemos coletivamente, ou ainda, como experienciamos o mundo a partir das convenções e perspectivas coletivas que também moldam a forma como narramos o mundo e a nós mesmos. Como trouxe no início deste capítulo, podemos inclusive usar algumas reflexões de Judith Butler no livro “Relatar sobre si”, no qual ela trata sobre ética, sujeito e independência crítica sobre o (auto)agir, para compreender questões coletivas — uma vez que aqui compreendemos que questões individuais e coletivas se atravessam.

Através dos conceito de Foucault, a autora descreve que “nossas decisões não são determinadas pelas normas, embora as normas apresentem o quadro e o ponto de referência para quaisquer decisões que venhamos a tomar”, ou seja, podemos usar essa lógica pra entendermos como individualmente temos nossas próprias perspectivas sobre o mundo, mas isso não anula que coletivamente narramos esse mesmo mundo a partir de quadros de reconhecimento comuns à cada sociedade que os diferentes sujeitos compõe. O mundo é sim feito de indivíduos e suas particularidades, mas cada um deles compõe um cenário de transformações históricas, de dinâmicas sociais coletivas e construções que de forma instável, não programada e inesperada puderam ser organizadas a ponto de darem forma a marcos histórico-sócio-culturalmente inseridos no tempo.

E assim também é com o fato, que poderá ser abordado de diferentes formas, com diferentes focos e em diferentes momentos, uma vez que naturalmente percebemos o mundo ao nosso redor cada um à sua maneira, no seu tempo, na mesma medida em que o mundo nos experiencia de volta em suas. E isso não faz um fato melhor ou pior do que outro, ou uma notícia menos ou mais jornalística. São apenas diferentes resultados que partem de pessoas inseridas em um determinado momento no espaço, que olham a partir de referenciais culturais e narrativos próprios e coletivos. E ao ‘fazer jornalístico’, cabe ao menos a necessidade de tornar os fatos verificáveis, de forma independente a suas interpretações.

É importante ainda considerar que a informação não é um dado bruto, passível de ser “recolhida” numa fonte e inserida num “relato”. Como aponta o espanhol Gonzalo Abril (2007a), entre outros, “informar” significa tanto “dar conhecimento”, como “instruir” e “dar forma”. Essa última acepção explicita que a informação é um produto de um ato interpretativo, que, por sua vez, dá forma, põe em forma, uma situação, uma ação ou um determinado estado de coisas. [...] Ainda que se tente colocar a informação (jornalística, no caso) e um modo de fazer idealizado de jornalismo tomado como “de referência”, ambos vinculados a uma perspectiva moderna de verdade (a “verdade dos fatos”), num polo oposto ao da narrativa, um olhar atento faz ver que essa polarização não se sustenta. (LEAL, 2022, p. 44).

E diante da COVID-19, o tal fato que destacamos neste trabalho, o jornalismo buscou dar conta de amarrar todas as pontas que se soltavam. De um lado, havia a necessidade de contextualizar o que era essa pandemia que despontava sem aviso, buscando informar à população o que precisava ser feito, como se proteger e o que precisava ser entendido quando se falava em COVID-19, SARs-Cov-2, coronavírus e tantas outros termos que surgiram. Era preciso explicar a morte que, para muitos, foi iminente. Por outro lado, se tornou pauta falar sobre a China para além de suas relações políticas e econômicas mundiais. A partir desse período, a China seria novamente encarada principalmente pela perspectiva cultural, daquilo que ela representa, de como seu povo se organiza, e o que isso tem relação com o surgimento de um vírus mortal. Em meio a isso, o jornalismo tomou decisões e escolheu o que era mais importante noticiar e quais os fatos eram essenciais para reordenar a realidade do público.

No livro “Teorias da Comunicação” (1995), Mauro Wolf traz uma série de reflexões sobre a produção jornalística e sobre como as decisões editoriais são feitas. Mais ao final do material, ele relembra que “O conceito de gatekeeper (selecionador) foi elaborado por Kurt Lewin, num estudo de 1947”, em um contexto ainda fora do campo jornalístico e que foi aplicado sobre o campo das notícias anos mais tarde, com David Manning White. Este último, então, utilizou o conceito para realizar um estudo de caso sobre o fluxo de notícias produzido por um jornalista de uma cidade em Midwest (Região Centro-Oeste dos Estados Unidos), responsável por selecionar entre os despachos de agências que recebia, o que seria ou não noticiado. Como resultado, divulgou que entre os principais motivos de recusa estavam: falta de espaço, sobreposição de assuntos, falta de interesse jornalístico, qualidade na escrita e, por último, assunto fora da abrangência local (1995, s/p). E

mesmo que atualmente não se fale mais tanto sobre o impresso, essa lógica é perceptível no digital e no televisivo.

Esses critérios de noticiabilidade acabam sendo muitas vezes indispensáveis à prática jornalística, uma vez que vão direcionar aquilo que de fato faz sentido com o público que se objetiva atingir, além de facilitar o dia a dia da profissão — que em meio a tantas dinâmicas sociais que acontecem diariamente, precisa estabelecer lógicas que facilitem tanto a escrita do material, ainda que seja pelo engessado lide, quanto os critérios de inclusão e exclusão de um texto no jornal. É claro que a própria teoria gatekeepers acaba não sendo uma regra, e inclusive se desatualizou ao longo do tempo. Wolf, já em seu livro, reforça que a ação individual de um gatekeeper é algo que se tornou ultrapassado, justamente pelo fato da atividade noticiosa passar por toda uma lógica de produção, na maioria das vezes “hierarquicamente ordenado e ligado a uma rede complexa de feed-back”, em uma dinâmica muito mais complexa de elaborada do que a mera delegação das funções de escolha a uma pessoa que exclusivamente cuidaria disso. E dentro dessa perspectiva do jornalismo, é comum observar que a área busca ordenar os fatos que possam se mostrar desconexos, desmembrados ou com meandros. Isso fica ainda mais claro quando falamos de momentos de crise e atordoamento, ou seja, quando a realidade, dentro de toda a sua complexidade, se torna especialmente desordenada em momentos históricos e instáveis — a exemplo da própria pandemia de COVID-19. E diante deste cenário, vemos como o jornalismo também precisou encontrar uma forma de se (auto)ordenar e por isso os mecanismos de organização utilizados na rotina jornalística se mostram importantes e indispensáveis em momentos como esse — e por isso é fácil os reconhecer, reproduzi-los ou os supor.

Por essa razão, também podemos inferir que, ainda que a sua compreensão como um ‘espelho da realidade’ já não seja mais tão perseguido ou convincente, ainda resta certa força na ideia do jornalismo “fornecer aos cidadãos as informações necessárias para o desenvolvimento das suas responsabilidades cívicas, tornando central o conceito de serviço público como parte da identidade jornalística” (Traquina, 2005). Seja por um resquício da anterior dominação da opinião pública, ancoradas pelo seu esforço em transmitir de credibilidade e confiança ao público, ou ainda pela necessidade da população em retornar a um canal seguro de informações, em um turbilhão inesgotável de conteúdos disponíveis na internet, a imprensa ainda permanece com um formato tradicional e previsível quando se trata

de produção noticiosa — algo que fica evidente no seu modo de produzir conteúdo, ainda muito estruturado no moldes de velhos conceitos, citado por Traquina em 2005 e que ainda se mostram presente nos dias atuais, mesmo que tenhamos ido do impresso para o digital.

Quando fizemos a escolha pela pandemia de COVID-19, para entender essa relação do jornalismo com a noticiabilidade, percebemos alguns pontos que se destacavam. Ao observar os materiais inicialmente coletados na Iniciação Científica, sobre os primeiros meses do surgimento da COVID-19, já ficou claro como havia uma necessidade de resgatar a ordem à uma realidade que se tornaria caótica em razão da crise sanitária e em trazer informações que fossem indispensáveis para que a população desenvolvesse suas ‘responsabilidades cívicas’. Um exemplo é a matéria intitulada “Coronavírus: o que realmente funciona para se proteger?”⁶, publicada já em janeiro de 2020, início das primeiras descobertas do que de fato era a “doença misteriosa” que havia surgido em dezembro de 2019 e que teve como interesse explicar à população as formas corretas de se proteger do vírus.

Além disso, também pudemos observar alguns resquícios de alguns conceitos do jornalismo, que não foram superados e, na verdade, seguem muito atrelados à questão da digitalização dos meios de comunicação. O ‘sensacionalismo’, por exemplo, ainda hoje é associado com um fazer jornalístico inadequado, que, a partir de informações reais, tem mais interesse em chocar e ganhar visualizações, do que de fato contribuir com o conhecimento das pessoas sobre o fato. E podemos observar alguns marcadores que ainda remetem a essa lógica que não foi superada, mas na verdade se modificou e se adaptou aos moldes da Era Digital e da necessidade em se manter relevante nesse espaço. E por isso, em meio à crise da COVID-19, ainda foi possível observar essas marcas no jornalismo.

Hoje, com a quantidade de conteúdo publicado na internet e com a facilidade em se ter acesso a informação, de produzir conteúdo e divulgá-lo nas redes, pessoas para além do jornalismo passaram a ter a oportunidade de divulgarem histórias e fatos que acontecem no mundo. Com essa nova dinâmica, o jornalismo acabou por perder uma parte do seu espaço para esses outros produtores de

⁶ Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-51318710#:~:text=Manter%20o%20ambiente%20limpo&text=Se%20estiver%20em%20um%20ambiente,a%C3%A9rea%2C%20mas%20tamb%C3%A9m%20pelo%20contato>. Acesso em 15 abr. 2024.

conteúdos, que passaram a disputar o público e as visualizações. Assim, tornou-se necessário aos jornais se destacar e ganhar atenção em forma de cliques, ou ainda curtidas, compartilhamentos e divulgação. Houve uma transformação desse sensacionalismo, que hoje não se limita apenas à característica exposição escrachada e sem parâmetros éticos que muitos lembram ao tratar do tema.

No telejornalismo, essa atitude muitas vezes é mais fácil de reconhecer, já que na maioria das vezes os jornais televisivos se utilizam da espetacularização de casos para ganhar ibope. Contudo, na produção digital, essa atitude não fica para trás e pode ser igualmente danosa já que a facilidade do compartilhamento e salvamento de conteúdos digitais facilitam com que as notícias sejam veiculadas em outros portais ou grupos, ou ainda sejam reeditadas e tiradas de seu contexto. Somente com um título (manchete) sensacionalista ou rasa o suficiente para ser mal interpretada, é possível que grupos ou indivíduos impactem negativamente incontáveis pessoas que apenas recebem parte da história e que não tem interesse em se aprofundar sobre o assunto, e seguem embasando seus discursos apenas com fragmentos de realidade desconexos.

Um exemplo bastante emblemático da época da pandemia de COVID-19, foi quando Bolsonaro, em outubro de 2021, veio a público em uma transmissão ao vivo em suas redes sociais, informar que as vacinas que estavam sendo ministradas contra o novo coronavírus tinham relação com o desenvolvimento do HIV, vírus da Aids. Ao ter seus vídeos derrubados pelo Facebook e Instagram, o ex-presidente, ao ser acusado de desinformação, declarou que apenas havia lido em *live* uma matéria publicada pelo jornal Exame, dizendo que eles é que haviam feito a relação e que ele apenas reproduziu o que estava escrito.⁷ A matéria da Exame em questão tem como título “Algumas vacinas contra a covid-19 podem aumentar o risco de HIV?”⁸ e basicamente explica sobre uma preocupação que surgiu, após pesquisadores divulgarem que “algumas vacinas que usam um adenovírus específico no combate ao vírus SARS-CoV-2 podem aumentar o risco de que pacientes sejam infectados com HIV, o vírus da Aids”, como destacou o autor do texto no Exame.

⁷ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/10/25/interna_politica,1316828/bolsonaro-culpa-a-imprensa-por-falsa-relacao-entre-vacina-da-covid-e-aids.shtml. Acesso em 14 br. 2024.

⁸ Disponível em:

<https://exame.com/ciencia/algumas-vacinas-contr-a-covid-19-podem-aumentar-o-risco-de-hiv/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

Somente esta situação nos mostra uma série de situações que podemos observar. A primeira delas é justamente o que citamos anteriormente, sobre o fato de trechos de textos poderem ser facilmente retirados de seu contexto, a fim de cumprirem alguma causa particular — como o caso do ex-presidente, que ao longo de todo o seu mandato durante a pandemia, se mostrava descrente e avesso sobre as formas cientificamente recomendadas de tratamento à COVID-19 —, e, inclusive, terem seus sentidos distorcidos de forma escalonada, já que neste exemplo foi necessário que as lives fossem excluídas pelas próprias redes sociais para que a desinformação parasse de circular. A Exame ainda precisou publicar uma matéria explicando o que foi a “confusão” que aconteceu,⁹ já que a matéria original, na verdade, tentava apenas explicar que algumas vacinas poderiam facilitar a infecção por HIV, mas isso em pessoas que fossem infectadas de alguma forma infectadas pela doença, e não que a vacina faria essa infecção.

Mas entre as problemáticas que podem ser observadas, outra é o fato da manchete publicada pela Exame que, ao que avaliamos, abre sim uma margem não apenas para interpretações precipitadas, mas também tem como função caçar cliques de pessoas desavisadas, mal intencionadas ou até mesmo aqueles típicos leitores que apenas leem títulos de matérias. Em um período de completa falta de noção da população sobre o que esperar do futuro, tendo boa parte delas depositado suas esperanças pelo fim da pandemia nas vacinas que passaram a ser produzidas, publicar um texto com esse tipo de manchete é no mínimo de mal gosto — seja com quem estava sofrendo com a COVID-19 ou com quem há anos sofre com os estigmas em torno da HIV.

E por fim, outro problema que considero importante de evidenciar é o fato das matérias online poderem ser editadas e reeditadas a qualquer momento, ou ainda serem excluídas e terem seus vestígios completamente apagados. E a principal questão com isso é que, justamente nesse meu movimentos e trazer esse exemplo, ir atrás das matérias e explicar o acontecido, já posso considerar que não necessariamente estou trabalhando com o que de fato aconteceu, já que a matéria da Exame que gerou a polêmica foi publicada em 20 de outubro de 2020 e teve sua última atualização em 25 de outubro de 2021 (época da polêmica). Ou seja, em um

⁹ Disponível em:

<https://exame.com/ciencia/entenda-a-confusao-entre-a-ligacao-da-vacina-contr-covid-19-e-hiv/>.

Acesso em: 14 abr. 2024.

espaço de tempo de 1 ano, o quanto podemos afirmar que essa matéria passou por modificações? E o que foi modificado nela, já que não há nenhum indício de qual trecho passou por alterações?

No caso da BBC Brasil, o jornal que propriamente aqui avaliamos, pudemos encontrar alguns títulos que também tinham esse interesse de chamar atenção dos leitores para ler um conteúdo que de fato era informativo, mas ancorado sobre assuntos que se tornaram polêmicos na época. Títulos como “O relato de uma brasileira confinada em Wuhan, epicentro do coronavírus: 'É como uma prisão domiciliar’”¹⁰, “Coronavírus: 'A situação é grave? E minhas encomendas da China?’, 15 perguntas sobre o surto”¹¹, “Nenhum país está protegido de receber alguém com coronavírus”, diz brasileiro diretor de agência da ONU¹²” e “Coronavírus e 'sopa de morcego”? Teoria de conspiração e fake news se espalham com avanço de surto¹³” resgataram ideias como ‘prisão domiciliar’, ‘situação grave’, ‘nenhum país está protegido’ e ‘sopa de morcego’ como termômetros dos assuntos mais buscados na época, mas também acabaram acionando percepções, imaginários e opiniões que também se destacaram no período e que poderiam levar a associações pretendidas e reforçar ideias controversas, visto que, hoje, muitos leitores nem seguem com a leitura para além das chamadas ‘manchetes’.

E em meio a essa tentativa de ordenamento e das próprias narrativas que escolheu realizar ao longo de toda a pandemia, o jornalismo também precisou lidar com os discursos que surgiam sobre a China neste período. Por esse motivo, também observamos na IC que a BBC Brasil buscou dar conta de muitas pontas que surgiam nesse contexto: explicar o que era COVID-19, indicar o melhor método de se proteger, demonstrar as orientações de especialistas, explicar como seria a pandemia daquele momento em diante (ainda que fosse um período imprevisível) e, acima de tudo, precisou contextualizar o que era Wuhan e China, nomes que se tornaram alvo de atenções por ser o marco zero do vírus.

E nessa relação de contar ao mundo o que esses dois nomes representavam, foi possível observar que esse movimento se tornou necessário não apenas como

¹⁰ Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51285083#:~:text=V%C3%ADdeos-,O%20relato%20de%20uma%20brasileira%20confinada%20em%20Wuhan%2C%20epicentro%20do.%C3%89%20como%20uma%20pris%C3%A3o%20domiciliar'&text=A%20paraense%20Reisi%20Liao%20mudou,no%20dia%208%20de%20novembro>. Acesso em: 14 abr. 2024.

¹¹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51297005>. Acesso em: 14 abr. 2024.

¹² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51245038>. Acesso em 14 abr. 2024.

¹³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51311226>. Acesso em 14 abr. 2024.

um resultado natural da profissão em esclarecer os fatos, mas principalmente porque o jornalismo também passou a tentar dar conta de atravessar discursos que surgiam sobre o país e cidade asiáticos. E muitos desses discursos estiveram, inevitavelmente, atrelados a questões xenófobas, desinformação, estigmas e preconceito com uma cultura vista como diferente.

Nossos entrevistados relataram uma caracterização persistente ao serem acusados de “comedores de morcego” e “comedores de cachorro”. Apesar desse estereótipo parecer específico da COVID-19, em razão dos primeiros rumores em torno do seu surgimento ter sido em um mercado na China, o estereótipo sobre comer animais não é novo. Esse é um antigo estereótipo enraizado na exotização de americanos-asiáticos e data desde a Lei de Exclusão Chinesa de 1882, quando americanos brancos não entendiam a comida chinesa, achavam suspeito e perpetuavam essas mesmas declarações na grande mídia ao fazerem perguntas como, “Os chineses comem ratos?”. (Wong, 2020 apud Wnag; Santos, 2022, p. 9, tradução nossa)

Por isso, compreender primeiro as questões que envolvem como o jornalismo lida com a notícia, principalmente em momento de atordoamento da realidade e em um cenário que demanda trazer explicações, contextualizações e contextos às coisas — e nesse caso, a cobertura da BBC Brasil durante os dois primeiros meses de surgimento do vírus (dezembro/2019 e janeiro/2020) e todas as questões que atravessaram essa cobertura — é uma forma de termos fôlego suficiente para nos aprofundarmos nas indagações que surgem sobre a China, a partir das matérias selecionadas que avaliaremos no terceiro capítulo deste trabalho, e sobre aquilo que narramos, compreendemos e construímos sobre o país.

2.2 Zhōng guó Vs. China: atordoamentos e imaginários

Aos 31 dias de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu os primeiros avisos¹⁴ do que, na época, ainda era divulgado como um ‘estranho’ surto de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Uma semana depois, o Governo Chinês confirmaria que o mundo estava, na verdade, diante da COVID-19 (SARS-CoV-2), variante do vírus SARS-CoV, já reportado pela primeira vez em 2002¹⁵, em Guangdong, também na China. Graças à sua acelerada propagação, logo ao final de janeiro de 2020 o ‘novo coronavírus’, como ficou conhecido, foi

¹⁴ Disponível em:

<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>. Acesso em: 05 out. 2023

¹⁵ Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/4/8/coronavirus-comparing-covid-19-sars-and-mers>. Acesso em: 05 out. 2023.

considerado “Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII)” pela OMS. E apesar de não ser a primeira vez que esse tipo de emergência era acionada mundialmente, a pandemia trouxe novos parâmetros para o que se entende e imagina por crise sanitária.

Esse é um breve resumo sobre o surgimento do vírus, no momento em que essa crise atordoou as nossas noções de realidade sobre o mundo. Não é possível reproduzir aqui toda a instabilidade e insegurança que a, posteriormente, pandemia da COVID-19 trouxe às pessoas, e é menos improvável ainda que consigamos descrever o nível de confusão que as pessoas possam ter se encontrado logo quando descobriram que um vírus altamente contagioso e mortal estava se espalhando rapidamente pelos países. E diante disso, a principal forma que muitos puderam para encontrar, que fosse, um pequeno conforto, foi encontrar respostas, (ou responsáveis), para justificar a situação em que se encontravam. É natural do ser humano buscar por justificativas que tragam sentido àquilo que ele vive, seja, elas possíveis de explicar racionalmente ou não. Podemos ver isso muito claramente na história, por exemplo quando pensamos nas definições de alguns deuses para algumas sociedades antigas, que vinham, entre muitos motivos, como forma de explicar fenômenos ou desastres atmosféricos que eles não conseguiam encontrar uma resposta concreta.

E também é assim com a COVID-19. Diante de algo que não se sabe muito bem como combater, o que restou às pessoas foi olhar para a China em busca de respostas para o que estava acontecendo. Mas as coisas não ficam simplesmente nessa busca por respostas, e muito facilmente escalonam para outro patamar. Ela é a culpada? Porque eu não sei o que aconteceu para o vírus surgir? Como esse vírus surgiu? Eles vão trazer a cura para o problema que criaram? Vejamos que essas podem ter sido as perguntas de muitas pessoas, mas para muitas delas, era possível também observar algumas respostas que resgatam noções e narrativas sobre a China que são muito comuns entre aqueles que conhecem a China apenas pelo o ouvem, lêem ou assistem por terceiros e sem uma busca individual por informações. E essa situação abriu espaço para que determinadas narrativas passassem a ganhar espaço ou ainda a resgatarem antigas noções sobre a China, já que era algo que poderia responder o incompreensível. No artigo “Go Back to China with your (expletive) vírus: A revelatory case of anti-Asian racism during COVID-19”, os pesquisadores realizam um levantamento qualitativo com

americanos-asiáticos para analisar as diferentes formas de racismo “anti-Ásia” observados durante os primeiros 6 meses da pandemia.

Um participante compartilhou um exemplo sobre dois homens negros adultos fazendo piadas sobre como pessoas chinesas ‘arruinaram o mundo porque eles comem cachorro e foi assim que a COVID começou’. (Wang; Santos, 2022, p. 225, tradução nossa).

Se pensarmos somente na questão de “comer cachorro” que (re)surge sempre quando a China está em pauta, podemos tirar diferentes análises sobre como a imagem que construímos (ou que constroem para nós) sobre algo costuma ser tão forte que independe de comparativos que poderíamos traçar com a realidade. Esse movimento acontece pois, em grande medida, criamos imagens sobre as coisas como uma forma de nos reconfortar sobre uma realidade que não queremos ou não conseguimos aceitar ou assimilar. Em “Noções do Imaginário: Perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin”, os autores do artigo resgatam que o antropólogo Durant acreditava que “frente à angustiante consciência da morte e do devir, o homem adota atitudes imaginativas que buscam negar e superar esse destino inevitável ou transformar e inverter seus significados para algo reconfortante” (Anaz et al., 2014, s/p). Diz ainda que esse imaginário é reforçado, entre outras coisas, pela “reprodução de símbolos, imagens, mitos e arquétipos pelo ser humano”, ou seja, que são esses imaginários sobre o outro, como a de ‘chineses que comem cachorro’, que são constantemente reproduzidas pelas pessoas, pela mídia e pela história, a ponto de se tornarem algo semelhante a um fato.

Em primeiro lugar, voltando à questão do consumo de carne de cachorro, é importante entendermos o que isso de fato significa para a cultura chinesa. Algumas literaturas indicam que o consumo de carne de cachorro no país foi algo que surgiu principalmente em um período de grande crescimento populacional (Eberhard, 1969, p. 155), que foi responsável por modificar os hábitos alimentares entre os chineses. Essa mudança teria acontecido especialmente durante a primeira divisão da China, após o fim do Império Han e início das disputas sobre quem seriam os legítimos governantes (Eberhard, 1969, p. 107), quando a região sul do país passou por uma escassez de terra, frente à quantidade de pessoas na região. Além disso, outras mudanças alimentares, como a do trigo para o arroz, causaram deficiência de proteína e vitamina, sendo necessário que introduzisse outros alimentos complementares, como vegetais, feijão, peixes e frutos do mar (Eberhard, 1969, p.

155). Então sim, o consumo de carne de cachorro é algo real na China, mas não é restrito ao país. É possível encontrar alguns dados que demonstram como esse consumo também é observado, e às vezes ‘tecnicamente’ permitido, em países como Canadá, Austrália e Reino Unido.¹⁶

Mas o imaginário em torno do chinês que come cachorro é tão expressivo, que se torna inclusive difícil ir em busca dessas outras informações, já que quando pesquisamos sobre esse modo alimentar, a primeira coisa que aparece são resultados ligados a países asiáticos. Algumas matérias ainda trazem um viés completamente tendencioso quando tratam do assunto. Em algumas das buscas que realizei, uma matéria da BBC (Britânica) me chamou atenção. O título “Os países onde as pessoas ainda comem cachorros e gatos no jantar¹⁷” (tradução livre). Logo de cara podemos ver uma série de indicações que o jornal pode ter pretendido fazer. No título temos o uso da palavra ‘ainda’, que traz um sentimento de atraso, já que entre todo o restante do mundo, esses são os únicos que ‘ainda’ fazem isso.

Já na imagem de capa, temos, é claro, dois comerciantes chineses expondo e vendendo carnes de cachorro em bancas na rua. Mais abaixo, nos exemplos, há uma breve lista de quais são os países que comem cachorro: China, Coreia do Sul e Vietnã, todos eles curiosamente asiáticos. E as imagens que ilustram o texto são ainda mais peculiares. Para a China e o Vietnã, restou usar imagens, respectivamente, de uma pessoa segurando um cachorro ou de cachorros presos e tristes. Em nenhum dos casos as imagens de fato tem relação com o consumo da carne do animal, já que nas próprias legendas das imagens é possível ver que são endereçadas a outras situações. Já para a Coreia do Sul ainda houve uma certa colher de chá, com uma imagem que mostra apenas um prato de comida muito bem apresentado, ao qual não se especifica qual é e se de fato é feita com carne. Talvez a Coreia do Sul por ser um tigre asiático, visto como um território de grande avanço econômico e, inclusive, mantendo proximidade com os Estados Unidos, a impressão que fica é que tenha espaço para ser associado com algo mais agradável — mas essa é apenas uma interpretação possível.

¹⁶Estas informações podem ser encontradas em alguns sites, como DataPandas (Disponível em: <https://www.datapandas.org/ranking/what-countries-eat-dogs>. Acesso em 30 de mar. 2024), que traz dados, e o Pawsafe (Disponível em: <https://pawsafe.com/blogs/dog-healthcare/which-countries-eat-dogs>. Acesso em: 14 abr. 2024), que traz algumas contextualizações à discussão.

¹⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/news/newsbeat-39577557>. Acesso em: 14 abr. 2024

Figura 1: associação de pessoas de países asiáticos à alimentação com cachorros e gatos

The countries where people still eat cats and dogs for dinner

© 12 April 2017

Capa



Chinese vendors sell cooked dog meat at a market in Guiyang, southern China's Guizhou province in December 2016

China



A customer holds a puppy for viewing at Yulin dog festival

South Korea



Dog meat has long been a familiar ingredient in meals in countries like China and South Korea

Vietnam



Dogs in Thailand, destined for Vietnam

Fonte: print de imagens ilustrando a matéria “The countries where people still eat cats and dogs for dinner”

E como já trouxemos neste tópico, se uma imagem sobre algo ou alguém existe, é porque esse símbolo foi reproduzido e reforçado incontáveis vezes. Assim também não podemos deixar de trazer os conceitos do teórico Maffesoli, o qual diz que o imaginário é construído tanto individual quanto coletivamente. Anaz explica que, para o sociólogo, a primeira construção se dá “essencialmente, por identificação (reconhecimento de si no outro), apropriação (desejo de ter o outro em si) e distorção (reelaboração do outro para si)”. Já a construção coletiva, seria a partir do “contágio: aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e imitação” (Anaz et al., 2014, s/p). E neste caso da China, o que mais conseguimos observar é uma construção coletiva, já que para muitas

peças a única base de referência sobre o país e a sua cultura é justamente aquilo que leem, ouvem, assistem, aprendem e, conseqüentemente, reproduzem. Por ser uma cultura marcada por tantas questões culturais, políticas, sociais e econômicas, que atravessam a organização de outros países, é difícil ver pessoas que não tenham uma ideia minimamente estereotipada sobre os chineses. E às vezes, mesmo dentro de conclusões absurdas, existe um nível de credibilidade que foi firmado por terceiros — sejam eles pessoas influentes ou políticos, a mídia, o cinema, entre outros.

O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Na aura de obra - estátua, pintura - há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra. Esta é a ideia fundamental de Durand: nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de “algo mais”, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário (MAFFESOLI, 2001, p.75 *apud* Anaz et al.,2014, s/p).

Nesse sentido, compreender que a construção de um imaginário sobre o povo chinês não é algo recente, nos esclarece também o motivo dos discursos sobre um povo que “come cachorro” e que não tem higiene se manteve tão forte até hoje, moldando nossa percepção sobre toda uma cultura. E em um momento de crise, como a da COVID-19 resgatar esses marcadores pode parecer a ideia mais sensata a se ter, uma vez que, dentro do incompreensível, violências se tornam “justificáveis”.

Se pensarmos que, por conta da COVID-19, diversos chineses passaram a ser culpabilizados pelas mortes pelo fato de justificarem a existência do vírus por eles “comerem cachorro”, fica difícil perseguir a ideia de que o que aconteceu no passado ficou no passado. Isso, porque esse imaginário em torno da cultura deste país foi sendo construída no tempo, em momentos que ficaram marcados na histórias, mas também foram, são e serão resgatados, reinterpretados e adaptados em diferentes momentos, sempre que for necessário e conveniente. E na medida em que voltamos a narrar esses discursos, nossa compreensão sobre o passado também volta a ser reinterpretada e moldada — e isso significa que o passado também passa a ser modificado, dentro da perspectiva de cada um sobre os fatos

passados, a partir de novas concepções atuais. E para este caso, mais uma vez resgato a emblemática frase de Ricoeur: “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal” (1994, p. 84). Essa frase resume bem como essas relações do imaginário com o tempo são construídas a partir das narrativas, sejam elas nossas ou de terceiros. E tudo isso se relaciona bem com as discussões que Leal (2022) elabora como “entrecruzamento de tempos e temporalidades”. Ele explica que organizar os acontecimentos que nos cercam, de forma a entendê-los dentro da caoticidade com que acontecem diariamente, é uma ação que demanda interpretação, além da adição de sentido e valor, que é feita através da narrativa (2022, p. 29-30).

A convergência na divergência, que é base de qualquer narrativa, só é possível porque narrar é um ato simbólico, que tem como “matéria-prima” signos e linguagens constituídos e disponibilizados culturalmente. Há, então, na própria condição de nascimento de uma narrativa um conjunto de mediações que constituem a base para qualquer agir. Esse fundamento é a cultura, as relações simbólicas que marcam e constituem as realidades humanas. (Leal, 2022, p. 32)

A partir disso, Leal ainda resgata a teoria de “tríplice mimese”, de Ricoeur, o qual explica a existência de uma mimese I, que seria um “substrato ético-cultural [...] dos mundos prefigurados, das condições históricas e sociais que tornam possível qualquer narrativa”; de uma mimese II, que seriam “quando os elementos existentes na realidade cultural são selecionados, combinados e arranjados para produzirem uma história”; e de uma mimese III, que diz respeito a uma história que tomamos para nós, que “ao ouvirmos essa história, ao entrarmos em contato com o mundo configurado narrativamente, a inserimos na nossa realidade, na nossa vida” (2022, p. 33). Ou seja, toda essa teoria da mimese pretende nos mostrar como, a nossa relação com a narrativa do mundo a nossa volta não é estática, muito menos cíclica ou espectadora. Da mesma maneira em que modifico minha história a partir do momento em que a conto, e repito e (re)configuro indefinidas vezes, também faço isso ao narrar a história dos outros e as histórias ao meu redor, enquanto também sou modificada por ela. Leal ainda acrescenta que quando “começo a narrar uma história, continuo sendo parte de outras que se desenvolvem na realidade cultural” (2022, p. 34), e isso demonstra nossa capacidade de agentes da história que modificam, reproduzem, ressignificam, repensam e criam.

E ainda na questão do imaginário, na entrevista “O imaginário é uma realidade”, Maffesoli (2001) cita justamente que “não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado.”, ou seja, o imaginário sobre a China é um resultado de ações que nós, enquanto agentes no tempo imprimimos sentidos, a partir das narrativas, das perspectivas e dos discursos que são perpetuadas ou apagadas pelas instâncias dominantes de poder na sociedade atual.

3 O MUNDO É FEITO DE NARRATIVAS

A partir de, e usando de base, toda essa articulação conceitual entre China, imaginários, jornalismo e atordoamentos que fizemos no capítulo anterior, somados à nossa base teórico-metodológica em narrativa, cultura e temporalidade, partiremos agora, neste capítulo, para entendermos de fato sobre como a China e o seu imaginário nos são apresentados a partir das discussões narradas nas matérias publicadas pela BBC Brasil, durante os primeiros meses do surgimento da COVID-19 (entre os meses de dezembro de 2019 e janeiro de 2020). Para isso, partiremos não apenas da discussão do material que coletamos, trazendo alguns exemplos que dialogam com a nossa discussão, como também nos aprofundaremos sobre duas matérias que definimos como principais para realizarmos nossa análise sobre as formas de narrar a China.

Mas antes de partirmos para os materiais propriamente ditos, é importante lembrar algumas questões que nos auxiliaram na sua coleta ao longo de todo o nosso percurso metodológico. Em primeiro lugar, retomo a informação de que esta pesquisa aqui apresentada começou muito antes do início da disciplina para a elaboração do trabalho de conclusão de curso (TCC). Como já evidenciei, faço parte do Grupo de Pesquisa Narra, no qual iniciei e finalizei uma Iniciação Científica (IC) entre novembro de 2022 e novembro de 2023 sobre a mesma temática.

Nesta IC, foi realizada toda uma primeira investigação sobre as problemáticas aqui levantadas, além de ter sido definida a razão por escolher a BBC Brasil e termos realizado a coleta inicial de matérias que fariam parte do escopo de nossa investigação. Contudo, por ter sido uma investigação mais geral sobre o assunto, envolvendo o imaginário sobre a China e como eles apareciam nas matérias selecionadas na BBC Brasil, assim que iniciei o processo de elaboração do TCC, eu e meu orientador Nuno Manna decidimos manter a mesma temática investigada na IC, mas com a proposta de ou expandir o material selecionado, ou de nos aprofundarmos em algumas das matérias já coletadas, a fim de realizarmos uma análise mais complexa do que nos foi apresentado — sendo esta última a nossa escolha. Após todo esse processo de decisão e definição de parâmetros para a nossa atual pesquisa, foi necessário resgatar toda a discussão e coleta de materiais da IC, para que pudéssemos partir para o próximo passo, voltado para um afinamento ainda maior de todo o escopo, seleção específica de materiais para a análise e, então, a análise propriamente dita.

Mas antes de partirmos a esse próximo passo, resgato aqui quais foram os métodos que utilizamos na IC para selecionar todo o nosso material inicial. Para isso, foi preciso utilizar do recurso de refinamento de pesquisa do próprio Google, que chega a resultados mais específicos a partir de comandos e operadores que afunilam e especificam as buscas e nos ajudam a buscar por termos específicos, dentro de sites também específicos. Assim o fizemos, a partir do comando: “palavra-chave” site:bbc.com/portuguese¹⁸. Depois, foi necessário que definíssemos algumas palavras-chaves que seriam indispensáveis para chegarmos no conteúdo da nossa análise, que foram: Wuhan (cidade de surgimento do vírus), coronavírus (nome popular dado à Sars-Cov-2), COVID-19 (nome da doença causada pelo vírus), Pneumonia (antes da confirmação pela COVID-19, direcionaram os casos a uma misteriosa pneumonia), Pandemia (apesar de só ter sido declarada em março de 2020, o assunto já era pautado anteriormente), e Vírus Chinês (uma definição que foi usada pela população, inclusive pela mídia e por figuras públicas ao longo da pandemia).

Abaixo elaboramos uma tabela com os resultados iniciais que tivemos na IC (e que foram retestados no TCC), para torná-los mais visuais, e na sequência elaboramos uma explicação de como os filtramos até chegarmos em uma seleção ideal para as análises deste atual trabalho.

Palavras-chave	Resultados dez/2019*	Resultados jan/2020*	Números totais de resultados	Matérias que de fato tratavam de China durante a COVID-19**
Wuhan	0	23	23	23
Coronavírus	2	28	30	24
COVID-19	4	4	8	1
Pneumonia	4	16	21	13
Pandemia	9	8	17	5
Vírus Chinês	0	0	0	0
RESULTADO	19	79	98	66

¹⁸ O próprio Google indica esse formato de pesquisa refinada em sua página de suporte. Informa que para buscar correspondências exatas, é necessário colocar frases ou palavras entre aspas. Já para pesquisar em sites específicos, é necessário colocar o comando *site* seguindo de dois pontos e logo na sequência, sem separar por espaço, o link do site ao qual deseja direcionar as pesquisas (e nesse caso, não é necessário colocar <https://www.>).

***Para as colunas de ‘Resultados’, que trazem a somatória do número de matérias encontradas em cada palavra-chave, foram admitidos todos os links que a ferramenta de busca do Google disponibilizou. Sendo assim, alguns resultados também contabilizaram os erros que a ferramenta pode apresentar, em razão das características de linkagem, hiperlink e ubiquidade presentes na internet (por ex. uma matéria de 2019 pode ter linkado à sua página uma outra matéria de 2024, já que todo o conteúdo on-line se torna interligado na medida em que é produzido.)**

****Para a última coluna desta tabela, e levando em consideração os resultados que assumiram algumas matérias que não tinham relação com o nosso objetivo, apresentamos os resultados reais a partir de uma filtragem de todo o conteúdo apresentado pela ferramenta, retirando: matérias fora do recorte temporal, que linkavam assuntos que não tinham relação com a COVID-19 e que não eram matérias noticiosas, mas sim tópicos de temáticas gerais que de alguma forma puxavam as palavras-chaves que selecionamos**

A partir dessa coleta e dos resultados de cada termo, foi possível ter uma ideia geral do que estava sendo pautado pela mídia logo no início do surgimento do vírus. De acordo com o histórico da pandemia, divulgado pela Organização Pan-americana da Saúde (OPAS), “em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China”¹⁹. Somente em 7 de janeiro de 2020 que os casos seriam atrelados de fato a um novo tipo de coronavírus, um vírus que comumente é identificado em sociedade e causa resfriado comum, mas que, de acordo com a OPAS, há décadas não causava doenças mais graves em humanos. Ainda nesse histórico, é identificado que a COVID-19 seria declarada Emergência de Saúde Pública de Importância nacional (ESPII) pela OMS em 30 de janeiro de 2020, sendo a sexta vez que esse tipo de alerta seria emitido (as outras foram, respectivamente, H1N1, poliovírus, Ebola da África Ocidental, Zika Vírus, Ebola na República Democrática do Congo). A pandemia em si, só seria definida apenas em 11 de março de 2020, já que os casos passaram a se espalhar por todo o Globo.

Dessa forma, pudemos observar que o atordoamento causado pelo surgimento da COVID-19 foi escalonado, trazendo diferentes níveis de catástrofe à realidade da população que, a cada mês, precisava lidar não apenas com as mortes, mas também com a incerteza da vida. Por essa razão, entre os resultados que tivemos, pudemos observar uma série de questões que nos ajudaram a trazer os primeiros questionamentos ainda na IC e que aqui resgatamos. Em primeiro lugar, observamos uma grande quantidade de material que tinha como principal preocupação explicar o que seria esse misterioso vírus, trazer informações

¹⁹ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 18 mar. 2024.

atualizadas de como se proteger da melhor maneira, debater sobre o que a população poderia esperar, e isso em especial nas matérias publicadas em janeiro de 2020, quando já se tinha alguma noção, ainda que prematura, sobre o vírus.

Figura 2: chamadas de matérias que buscavam elucidar a população sobre o vírus e suas problemáticas.

A misteriosa pneumonia que preocupa a China

6 janeiro 2020

Coronavírus na China: perguntas e respostas sobre doença pulmonar que matou 81 pessoas e chegou a 13 países

13 janeiro 2020
Atualizado 22 janeiro 2020

Coronavírus: 5 aspectos do vírus surgido na China que mais preocupam os cientistas

29 janeiro 2020

Coronavírus: como está a corrida dos cientistas em busca de uma vacina para a doença

Tulip Mazumdar
Repórter de Saúde em San Diego, EUA
30 janeiro 2020

Coronavírus: o que realmente funciona para se proteger?

Camilla Veras Mota e Matheus Magenta
Da BBC News Brasil em São Paulo e Londres
31 janeiro 2020
Atualizado 26 fevereiro 2020

Por que é difícil comparar o surto de coronavírus com outras epidemias do passado

Rafael Barifouse
Da BBC News Brasil em São Paulo
31 janeiro 2020

Fonte: print feito dos títulos de algumas matérias coletadas no jornal da BBC Brasil

Algumas matérias, inclusive, mostram como o jornalismo tentava evidenciar todo tipo de resposta, ainda que essas precisassem ter suas informações e teorias sobre o vírus revistas mais à frente. Esse é o caso na matéria “A misteriosa pneumonia que preocupa a China”, publicada no dia 6 de janeiro, a qual logo nas primeiras linhas de texto já afirma que “segundo o mais recente posicionamento de órgãos chineses, não se trata de casos da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS, na sigla em inglês), como foi cogitado anteriormente” — o que sabemos hoje que sim, se tratava da SARS. É possível compreender, inclusive apenas por essa rápida frase, como a sociedade e as instituições estavam à mercê de informações que mudaram a todo instante, já que “não se trata” de algo que “foi cogitado anteriormente”, como evidenciaram. E essa relação torna o atordoamento ainda

maior, uma vez que fica difícil vislumbrar o futuro, tomar decisões ou trazer resoluções concretas, já que tudo se tornou tão incerto e volátil — e continuaria assim por cerca dos 3 anos que se seguiram da pandemia.

Somente pelos títulos, sem nem precisar passar para o conteúdo do material, já podemos ter uma série de informações sobre o que significou toda essa crise à sociedade. Na Figura 2, vemos como em um mesmo mês (janeiro de 2020) foi possível elencar uma série de questionamentos, que ultrapassavam as questões do vírus e chegavam inclusive às questões econômicas e de consumo, como observamos no texto “Coronavírus: 'A situação é grave? E minhas encomendas da China?', 15 perguntas sobre o surto”, que mostra uma preocupação da população com as encomendas internacionais. Isso nos mostra como a complexidade da situação, somada à complexidade de questões que envolvem a China, resultam em um cenário que para muitos pareceu desesperador. De todos os lados, as pessoas eram bombardeadas por informações, que não apenas mudavam constantemente, mas que também eram produzidas ou reescritas pela mídia em uma velocidade impossível de acompanhar ou assimilar — pelas população ou inclusive pelo próprio jornalista. Esse aspecto, inclusive, pode ter sido responsável por abrir tanto espaço para que a desinformação se alastrasse, pois ao mesmo tempo em que a mídia tentava combatê-las produzindo o máximo de informação que conseguia, da mesma forma também possibilitou que essas mesmas informações se tornassem fracas aos olhos da população, que não tinham tempo para mudar repetidas vezes de ideia, sobre a forma como elas deveriam lidar com o vírus. Por isso, muitas se agarraram às promessas de figuras importantes na sociedade, que pouco mudaram seu discurso ao longo da pandemia e, inclusive, reforçaram a escolha por medidas que elas próprias fariam para se proteger — sim, isso é sobre cloroquina e Bolsonaro.

Dessa forma, a partir de todo o material que coletamos, observamos que, de forma geral, as matérias faziam essa tentativa de dar conta de explicar a pandemia a partir das informações que tinha ao seu alcance, mesmo que não pudessem trazer uma explicação concreta e definitiva sobre o que estava acontecendo na sociedade. As informações, as teorias, as narrativas, tudo tentou ordenar os marcos temporais aos quais nos agarramos para tentar imprimir algum tipo de sentido à nossa realidade. Na lógica do ser humano moderno, viver sob a sensação de um mundo em que passado, presente e futuro seguem uma linha horizontal e que nunca se

rompe é uma das formas de compreendermos o tempo a partir de uma perspectiva de superação.

Nessa lógica claramente teleológica e evolutiva, tanto a superação do passado quanto a prospecção do futuro implicam em um presumido domínio do ser humano sobre o tempo, uma capacidade de compreensão e planejamento que garantiria o “ótimo” funcionamento da trajetória humana. A crise vem justamente para marcar a impossibilidade de efetivar essa dinâmica, quando experiência e expectativa se transfiguram de esteios temporais em incógnitas – o passado retorna como fantasma e o futuro é obscurecidos pelas trevas –, e o atordoamento surge como seu corolário (Manna, 2021, p. 314)

A partir dessas percepções que se mostraram muito amplas, nos orientamos a fazer uma seleção entre todas as matérias que coletamos, para que pudéssemos nos aprofundar de forma mais direcionada e específica sobre as questões que seriam levantadas neste trabalho. Como nosso propósito com esta pesquisa nunca foi, também, explicar a pandemia e a COVID-19, mas apenas usá-las e citá-las como uma forma de resgatar os debates em torno da China e de sua cultura, definimos duas matérias principais que consideramos importantes de serem analisadas e que tinham outras preocupações para além do vírus. Isso porque, em meio a todas as matérias, observamos que, além das que tinham interesse em atualizar as informações sobre a COVID-19 — entre elas como divulgar sobre métodos de proteção, debater a corrida pela vacina, atualizar o avanço de pesquisas e informar sobre o, na época, possível lockdown —, outras estavam inclinadas a explicar o local de onde o vírus surgiu, além de compreender as narrativas que eram levantadas sobre esse local, já que em meio ao atordoamento, a China passou a ser alvo de debates, justificativas e até mesmo culpabilização sobre o surgimento do vírus.

Assim, atacar ‘o outro’ e a sua cultura se tornou uma espécie de mecanismo para lidar com a desorientação instaurada após o início do vírus. Diante das perturbações, a população buscou restabelecer o “referencial de realidade” e materializar os “sentidos de normalidade” (Manna, 2021), a partir de narrativas comuns à sociedade — fossem elas problemáticas ou não. Além disso, muitos dos discursos sobre a China e Wuhan, que surgiram ao longo de toda a pandemia, faziam parte da construção de um imaginário sobre o povo chinês que não surgiu junto do Vírus, mas sim foi resgatado de outros marcos no tempo. Por isso, compreender que passado, presente e futuro não são uma mera linha crescente,

mas uma interconexão de vivências e marcadores, nos esclarece também o motivo dos discursos sobre um povo que “come cachorro” e que não tem higiene se manterem tão fortes até hoje, moldando nossa percepção sobre toda uma cultura. E em um momento de crise, resgatar esses marcadores pode parecer a ideia mais sensata, uma vez que, dentro do incompreensível, violências podem parecer justificáveis.

Essas atitudes imaginativas resultam na percepção, produção e reprodução de símbolos, imagens, mitos e arquétipos pelo ser humano. Esse conjunto de elementos simbólicos formaria o “imaginário”, cuja principal função seria levar o homem a um equilíbrio biopsicosocial diante da percepção da temporalidade e, conseqüentemente, da finitude. (Anaz; et al., 2014, s/p).

Pensando nessas problematizações que escapavam à COVID-19 e se voltavam de fato à China, percebemos que este trabalho, na verdade precisaria fazer um movimento de selecionar algumas poucas matérias de destaque que trouxesse essa complexidade de discussões que se apresentavam sobre o país asiático, simplesmente por ele ter sido o marco do surgimento do novo coronavírus. Assim, realizei um afunilamento dos conteúdos, buscando por aquelas matérias que, para além de indicarem sobre como se proteger do contágio — algo que sempre, de alguma forma, aparecia nos textos —, também apontassem para discussões sobre a cultura da china, a construção do seu imaginário e sua relação com o mundo. Depois de chegar em algumas matérias, ainda decidimos nos resumir a duas matérias específicas que nos chamaram bastante atenção. A primeira, intitulada “Coronavírus: como é Wuhan, a cidade chinesa onde surgiu surto de coronavírus e que foi isolada”²⁰, é um exemplo de matéria mais recorrente nas publicações observadas da BBC Brasil, que tinha como objetivo trazer toda uma contextualização sobre Wuhan, buscando evidenciar elementos para além da sua relação de marco zero do surgimento do vírus, e adentrando em assuntos sobre sua formação territorial, sua cultura, suas relações internacionais — em um primeiro momento, parecia haver um tentativa de ir além dos discursos rasos ou estereotipados sobre a cidade. Já a segunda matéria, intitulada “Coronavírus: como o surto está espalhando antigos preconceitos sobre a China e seus hábitos

²⁰ Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51216386#:~:text=Poss%C3%ADvel%20origem%20do%20v%C3%ADrus&text=Embora%20a%20China%20n%C3%A3o%20tenha,do%20servi%C3%A7o%20chin%C3%AAs%20da%20BBC>. Acesso em: 10 de abr. 2024

culturais”²¹, foi escolhida para representar uma outra discussão possível que encontramos no decorrer na pesquisa, trazendo uma análise que mais do que dar conta de explicar a COVID-19, busca explicar todas essas narrativas resgatadas de um imaginário sobre a China, enquanto toma consciência do próprio fazer jornalismo e da responsabilidade da mídia enquanto divulgador, propagador e criador de discursos.

Dessa forma, abaixo traremos dois caminhos de discussão, que tem como objetivo trazer à esta pesquisa a complexidade por traz do ato de narrar o outro. De um lado, a mídia está buscando superar o seu sensacionalismo e o discurso estereotipado sobre a China, ao trazer um conteúdo teoricamente mais completo sobre um assunto que não tem a ver somente com contaminação, crise sanitária e mortes — mas sim com memória e construção de sentidos em torno de uma sociedade marcada por transformações, disputas de poder, marcos históricos no tempo, etc. Do outro, ela também esquece que, ao ser uma das faces de perpetuação desse conteúdo, ela apresenta esses vestígios de formas até descaradas.

Assim, a busca que faremos a partir de agora será feita de forma gradual. Passaremos por ambos os materiais selecionados, que serão analisados separados, cada um em tópico próprio (e disponibilizados na íntegra nos apêndices, de forma a nos aprofundarmos por diferentes elementos presentes em seu conteúdo. Olharemos não apenas para o que está escrito em si, mas também para os sentidos que eles podem nos apresentar — estejam eles no título, no corpo do texto ou nas imagens. Contudo, não serão os únicos materiais citados ao decorrer do trabalho, já que também faremos uso das demais matérias encontradas em nossa coleta inicial como forma de demonstrar uma percepção ampla da cobertura realizada pela BBC Brasil durante a emergência da COVID-19.

3.1 Wuhan, China e mundo: Dentro e fora dos muros da COVID-19

Com o estopim da COVID-19 no mundo, um nome que poderia não ser tão conhecido na época, mas que se destacou durante esse marco histórico, foi Wuhan. Quando ouvimos esse nome, o que geralmente vem à nossa mente? Que tipo de

²¹ Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-51305487#:~:text=%22O%20surto%20do%20novo%20coronav%C3%A4Drus.BBC%20News%20Brasil%20por%20email>. Acesso em: 10 abr. 2024

imagens são acionadas em nossa consciência, sobre uma cidade chinesa que, ao se tornar o ponto de origem do vírus, passou a carregar consigo narrativas que giravam em torno dos seus modos de vida? É possível que, mesmo antes de ler qualquer coisa sobre a cidade, muitas pessoas possam ter uma noção de vilarejo sobre elas. E isso, quando acontece, geralmente tem relação com as imagens que nos foram oferecidas sobre ela ou sobre o seu país, a China, ao longo de nossa vida. A forma como nós, do lado “ocidental” — e, ainda mais a fundo, no lado latino, com um intenso histórico de interferências estadunidenses e europeias em nossa história, e inclusive de migração chinesa em nosso território —, enxergamos a China é muito específica. Partindo de uma análise sobre o Brasil, a nossa forma de compreender o mundo chinês é quase que totalmente a partir de informações que chegam até nós, e não que ativamente vamos em busca. Pergunte a uma pessoa na rua sobre o que ela sabe em relação ao país asiático e talvez o máximo de resposta que você consiga possa ter relação com características físicas (olhos puxados), relação com comprar internacionais (já que a China é um dos nossos principais parceiros comerciais quando se trata de importação e exportação²²).

Por exemplo, em relação às matérias que analisamos em nossa coleta, em muitos casos, Wuhan, quando era citada no texto, geralmente vinha acompanhada de termos utilizados como forma de explicar a cidade e o surgimento do vírus em seu território — como “mercados molhados”, “sopa de morcego”, “província”, entre outros. E mesmo que esses marcadores não estivessem errados dentro do contexto em que foram apresentados, ainda assim poderiam automaticamente nos acionar percepções e interpretações ligadas ao que costumeiramente nos apresentam, sobre uma China atual que supostamente não superou sua história marcada por dificuldades, pobreza, condições de vida precárias, desenvolvimento social reduzido, entre outras coisas.

Na matéria “Coronavírus na China: perguntas e respostas sobre doença pulmonar que matou 81 pessoas e chegou a 13 países²³” são apresentadas uma série de perguntas que, teoricamente seriam as mais feitas pelas pessoas naquele período. A BBC Brasil as elencou e respondeu cada uma delas, contudo, as únicas perguntas que receberam maior atenção e tiveram respostas mais aprofundadas,

²² De acordo com um levantamento feito pelo jornal G1 (2022), no ano de 2021 “A China se manteve como o principal parceiro comercial do Brasil, respondendo por 31,28% das exportações brasileiras em 2021 e por 21,72% das importações”.

²³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51060492>. Acesso em: 14 abr. 2024.

com espaço para dados e/ou inserção de especialistas foram: “O que é esse vírus?”, “De onde ele surgiu?”, “Essa doença se alastra facilmente?”, “E a doença está se espalhando rapidamente?”, “Como as autoridades chinesas têm respondido ao surto?”, “Quão preocupados estão os especialistas?” e “Usar máscaras cirúrgicas são eficazes contra a doença?”. Todos eram mais voltados a tratar de assuntos relacionados propriamente à questão do vírus e das preocupações que surgiram com ele, como de formas de proteção, indícios de contágio e disseminação, comparativos com a Sars, entre outras. Por outro lado, as questões tratadas nos tópicos “Quais os sintomas?”, “E de que animal ele vem?” e “E por que a China?”, que apresentam no texto relações mais específicas com o fato do vírus ter surgido especificamente na China, são extremamente rasas, se limitando a poucas linhas de explicação e apresentando “respostas” sem qualquer indicação de dados ou referência profunda a especialistas que ao menos corroborem com a discussão.

Figura 3: perguntas e respostas sobre a COVID-19.

Quais os sintomas?

O vírus causa febre, tosse, falta de ar e dificuldade em respirar.

Em casos mais graves, pode evoluir para pneumonia e síndrome respiratória aguda grave ou causar insuficiência renal.

Segundo o governo chinês, o período de incubação da doença varia de 1 a 14 dias, fase em que o novo coronavírus pode ser transmitido (algo que não acontecia com a Sars).

E de que animal ele vem?

Uma vez que é identificado o animal reservatório, como é chamado o ser vivo onde um agente infeccioso vive e se multiplica, é muito mais fácil lidar com isso.

Os casos têm sido associados ao mercado público de frutos do mar em Wuhan.

Ainda que alguns mamíferos aquáticos possam portar o coronavírus, como a baleia-beluga, também são comercializados no mercado outras classes de animais selvagens vivos, o que inclui galinhas, morcegos, coelhos e cobras — e são apontados como fontes mais prováveis.

E por que a China?

Woolhouse, da Universidade de Edimburgo, afirmou que a China tem mais casos desse tipo por causa do tamanho de seu território, de sua densidade populacional e do contato próximo que algumas pessoas têm com animais infectados.

"Ninguém fica surpreso que o próximo surto seja na China ou naquela parte do mundo", disse.

Fonte: print feito na matéria “Coronavírus na China: perguntas e respostas sobre doença pulmonar que matou 81 pessoas e chegou a 13 países”

Nos destaques feitos na imagem acima, podemos perceber como toda a discussão de mostra rasa e não tem como olharmos para isso e acreditar que de fato se pretendeu responder alguma coisa. Mesmo nos casos em que alguma fonte é indicada, como em “segundo o governo chinês” e “Woolhouse, da Universidade de Edimburgo, afirmou”, ainda assim elas parecem totalmente soltas dentro do texto, quase que sem propósito (não há ao menos hiperlinks que auxiliem o leitor a conferir algumas informações). Especificamente no tópico que responde sobre o porquê do vírus ter surgido na China, vemos um movimento muito comum quando se fala de doenças e China: se lá tem tantas pessoas em um mesmo território, e

consequentemente existe o contato com animais infectados, é claro que o vírus só poderia ter surgido ali.

Mas o que não se explica é: que animais infectados são esses? Qual o contexto disso? Sim, existem muitas pessoas morando na China, mas o seu território também é extenso. A sua densidade demográfica é de fato um problema? Mesmo se isso tudo for a justificativa para o surgimento do vírus, quais os estudos que comprovam isso? Ao final da leitura, o que essas afirmações deixam não são respostas, mas sim espaços para que os preconceitos continuam sendo reforçados, reproduzidos e utilizados como forma de violência contra um povo.

Mas em relação à matéria principal destaque do tópico, “Coronavírus: como é Wuhan, a cidade chinesa onde surgiu surto de coronavírus e que foi isolada”, publicada pela BBC Brasil no dia 23 de janeiro. Logo pelo título vemos que houve uma tentativa de, enfim, explicar mais profundamente Wuhan, capital da província de Hubei. Mas assim que adentramos mais em seu conteúdo, algumas questões se sobressaem. Trazendo a discussão na mesma medida em que as informações aparecem no texto, já vemos de início que a matéria possui uma capa e em sua legenda aponta: “Wuhan, na região central da China, é a sétima maior cidade do país — e entrou definitivamente no mapa mundial por ter sido origem de novo coronavírus” . Somente aqui algumas questões surgem. Se Wuhan é a sétima maior cidade da China ou ainda, como colocam mais a frente na matéria, uma megalópole de grande estratégia nacional e conexões internacionais, então porque motivo a foto escolhida para ilustrar a cidade foi uma em que há maior destaque na região com aspectos imperiais e provinciais, do que a parte com edificações mais recentes e, inclusive tecnológicas? Essa perspectiva adotada na imagem, somada a qualidade do registro, em tons alagados e pouco vívidos, nos faz ter uma percepção pouco realista sobre Wuhan — e assim nos ancoramos mais uma vez em estereótipos que não mais tem relação com a realidade.

Figura 4: registro fotográfico da cidade de Wuhan



Wuhan, na região central da China, é a sétima maior cidade do país — e entrou definitivamente no mapa mundial por ter sido origem de novo coronavírus

Fonte: print da imagem utilizada de capa na matéria “Coronavírus: como é Wuhan, a cidade chinesa onde surgiu surto de coronavírus e que foi isolada”, para ilustrar a cidade

Seguindo em frente, a matéria é dividida em quatro capítulos, destacando, claro, questões sobre o surgimento do vírus e sobre a sua propagação, mas também, como dissemos, traz à discussão como Wuhan também é um ponto estratégico nacional e com conexões internacionais. Logo no início do texto, inclusive, já nos é apresentado que Wuhan “pode não ser uma megalópole tão conhecida, como Pequim ou Xangai, mas é a sétima maior cidade da China e a número 42 do mundo” — com cerca de 8 a 11 milhões de pessoas em seu território, de acordo com as nações Unidas, em 2018. A partir desses dados, podemos ter uma dimensão ainda mais expandida sobre a cidade e o país a qual faz parte. Contudo, antes de já se aprofundar sobre Wuhan, a matéria parte para dizer que ela, na verdade, teria fama por ser “a origem de um novo tipo de coronavírus, que já infectou mais de 830 pessoas no país e matou pelo menos 25”, e não por sua importância nacional e complexidade como território.

É claro que toda a história da China é extremamente complexa e especialmente extensa, já que é uma das civilizações mais antigas no mundo. Se torna difícil, e nem temos a pretensão, de explicar todas as suas questões e

desdobramentos no tempo. Apesar disso, alguns fatos centrais em sua história podem nos auxiliar, ainda que de maneira simplista, a compreender e levantar questões sobre a forma como compreendemos o país chinês. Por exemplo, podemos observar que a China, assim como outros países da Ásia — em especial do Leste asiático, como Japão e Coreia —, ainda carrega em sua sociedade contemporânea alguns aspectos herdados de sua cultura imperial. Por exemplo, é comum estar em grandes centros urbanos, como Beijing (Pequim), que possui espaços modernizados, com luzes e recursos inteligentes, e, na medida em que se caminha pelas ruas, começar a encontrar construções, monumentos e adereços que remontam da história passada da China, mas que ainda são fortemente presentes em sua cultura, crenças e tradições.

Muitos desses fatores podem ser explicados pelo fato da China ter uma história muito antiga de impérios. Somente a Dinastia Qing, por exemplo, que foi o seu último sistema monárquico, durou por volta de 1644 a 1911, pouco mais de 250 anos. A história do país, sozinha, tem indícios de ter começado por volta de 4.000 e 2.700 a.C, enquanto alguns estudos indicam que uma civilização propriamente chinesa pode ter começado a se organizar de fato em 1.300 a.C (Eberhard, 1969). De todo modo, ainda que a sua origem tenha datas imprecisas, é fato que a China possui uma história rica, marcada por muitas mudanças e descobertas ao longo do tempo. E é surpreendente que, apesar da saída tardia da China das grandes dinastias, e inclusive da demora em se tornar independente da influência do Imperialismo Britânico e outras potências do século XX, que na época já passavam pelos processos de industrialização “— enquanto os métodos tradicionais de produção chineses eram minados pela concorrência moderna, industrial —, acabaria por tornar-se, nas últimas décadas, um dos principais centros manufatureiros do mundo” (Lyrio, 2010, p. 36). Por isso, acaba ficando claro que, com o crescimento econômico Chinês sendo tão intenso e propício, se tornou improvável que a história marcada pelo passado das Dinastias deixasse de existir ou fosse totalmente reformada e substituída por suas grandes megalópoles. A ligação entre passado, presente e futuro no país se mostra evidente em diversos aspectos. Mas como a matéria nos indica logo em suas primeiras frases, o que realmente importa falar sobre Wuhan e China é o fato de terem sido o marco zero no surgimento da COVID-19 e como isso afetou o mundo.

Na sequência, a matéria da BBC busca evidenciar nos próximos dois tópicos alguns aspectos que fogem desse imaginário atrelado ao passado histórico do país. Primeiro, evidencia como Wuhan é um importante ponto estratégico para a China, em razão do seu tamanho geográfico e grande fluxo de pessoas, além da sua conexão com outras cidades importantes para o país, graças a sua expressiva infraestrutura ferroviária que encurta as distâncias e facilita relações com outras importantes cidades chinesas, como Beijing, Guangzhou, Shijiazhuang, Xian, Nanjing, Xangai, entre outras (algumas dessas cidades, inclusive, estão entre as mais inteligentes e tecnológicas da China e do mundo).²⁴

²⁴ Disponível em: <https://earth.org/smart-cities-in-china/>. Acesso em: 14 abr. 2024.

Figura 5: mapa da China e da cidade de Wuhan, que mostram as conexões entre cidades



Fonte: print retirado da matéria “Coronavírus: como é Wuhan, a cidade chinesa onde surgiu surto de coronavírus e que foi isolada”

Contudo, mais uma vez esse aspecto no texto não é trazido na matéria apenas para elaborar melhor sobre as características da cidade, mas sim explicar o motivo do vírus ter se espalhado tão rapidamente pela China e para outros países. Algumas informações são colocadas ali de forma totalmente desconexas, em um amontoado de ideias que corroboram com o que o texto pretende nos dizer a todo instante: a china é grande, tem muita gente morando em seu território, e por isso o vírus surgiu lá e se espalhou tão rapidamente mundo à fora. Vemos que eles resgatam que a cidade de Wuhan foi palco da “revolução que deu fim à China imperial, a revolta de Wuchang, em 1911” e que foi construída “no curso intermediário do rio Yang Tsé — que, com quase 6,4 mil quilômetros, é o maior rio da Ásia e o terceiro do mundo”, além de apresentar “um importante porto, com navios que se conectam a Xangai, no leste, ou à Chongqing, no oeste”. Mas todas essas características não tem importância alguma que não seja para a própria conclusão que o trecho aponta: “Em resumo: o vírus se espalhou assim porque muitas pessoas entram e saem de Wuhan, carregando o vírus”.

Ainda nesse tópico “Ponto estratégico nacional”, vemos uma outra informação que além de solta sem propósito algum, pode nos fazer remeter a algumas narrativas sobre a China, que muitas vezes são baseadas em construções de um imaginário pretendido. Logo no início do tópico vemos a explicação de que Wuhan “é conhecida coloquialmente como a ‘panela da China’ por suas altas temperaturas, sobretudo no verão”. Contudo, a matéria não indica nenhuma fonte que destaque de onde esse termo surgiu ou se de fato existe, e quando procuramos sobre isso na internet (tanto em termos em português quanto inglês) não é possível encontrar nenhuma fonte que confirme essa afirmação — além disso, ao longo de toda a matéria, a falta de fontes e links que confirmem as informações ali presentes são um grande problema, principalmente quando vamos recorrer a pesquisas próprias e não os encontramos tão facilmente.

E o principal problema dessas afirmações sem explicações concretas e verificáveis é justamente por se mostrarem concepções rasas sobre o que se está discutindo. Essa informação de que Wuhan é a “panela da China” está completamente inserida sem contexto no meio da matéria e não mostra nenhuma relevância aparente no que diz respeito à compreensão daquele território e sua cultura. É claro que Wuhan pode ser uma região quente, mas outras cidades e países também são e isso não se torna motivo para receberem um apelido tão

sugestivo. e sugestivo, principalmente, quando pensamos que, mais à frente na matéria, é resgatado o fato do surgimento da COVID-19 estar atrelado aos ‘mercados úmidos’, espaços destacados como fechados, molhados, com animais mortos no local — e aí sim toda essa linha de raciocínio passa a fazer sentido com esse apelido “coloquial” que não se sabe de onde veio

No tópico seguinte, “Conexões internacionais”, a mesma lógica é seguida. São apresentadas informações para nos fazer entender que, sim, apesar do que imaginamos sobre Wuhan, ela é uma cidade muito importante, grande, populosa, e com destaque para conexões internacionais — principalmente pela presença de um aeroporto internacional que “transportou 20 milhões de passageiros em 2016 e oferece voos diretos para Londres, Paris, Dubai ou Nova York, entre outros”. Evidencia inclusive que o local apresenta desde bases industriais de alta tecnologia, até zonas industriais e de ensino. Muitos países têm contato com a cidade, já que “Cerca de 230 das 500 maiores empresas do mundo (classificadas pela lista da Fortune Global) já investiram ali”. E a matéria também não nos deixa esquecer que, assim como boa parte da China, Wuhan é uma região turística, e para além de todas as pessoas que já moram lá, esta recebe ainda mais pessoas ao redor do mundo — principalmente se for época de ano novo chinês, como foi o caso nesses primeiros meses do surgimento da COVID-19. Mas tudo isso precisou ser interrompido, já que a cidade ficou, na verdade, conhecida por ser o marco zero do vírus.

E ao final do tópico, não sobrou muita discussão ou elaboração sobre as características de Wuhan, que apenas foram colocadas indiscriminadamente ao longo do texto como forma de trazer mais uma vez ganchos para as problemáticas do vírus — mesmo que esta devesse ser uma matéria que explica “como é Wuhan, a cidade chinesa onde surgiu surto de coronavírus e que foi isolada”, como indica o título. Mas o texto segue, agora talvez em um sentido inverso. Na sequência passa a discutir a “Possível origem do vírus” e a sua “Propagação”. Estes são tópicos que rapidamente sabemos que tratarão de questões ligadas à COVID-19, mas também não deixam de fazer relações e trazer justificativas baseadas em características culturais chinesas.

Por exemplo, no próximo tópico já passamos a discutir os mercados úmidos como um dos indícios para o surgimento do novo coronavírus. Ao tratar do assunto, a partir da opinião do, agora referenciado, “Howard Zhang, editor do serviço chinês da BBC”, podemos ver que as opiniões presentes nesta matéria são sustentadas por

peças da própria BBC, sem um esforço em contrapor-las a outros dados e contribuições de outros especialistas. E logo nos é apresentada uma explicação do que são esses mercados. Zhang, nos informa que "São mercados onde animais vivos são vendidos. Você pode ver galinhas vivas e peixes nadando em tanques de água.", e explica que "Isso ocorre porque as pessoas querem produtos frescos. Então, por exemplo, diante de um comprador de frango, o vendedor sacrifica e corta o animal no estande. Todas as sobras ficam espalhadas, com pouca higiene e cuidado com a saúde, o que facilita a propagação de doenças". No fim de sua lógica apresentada, o editor da BBC condensa todas as questões envolvendo os mercados úmidos sob o fato da suspeita de que "o vírus tenha se originado em um desses mercados".

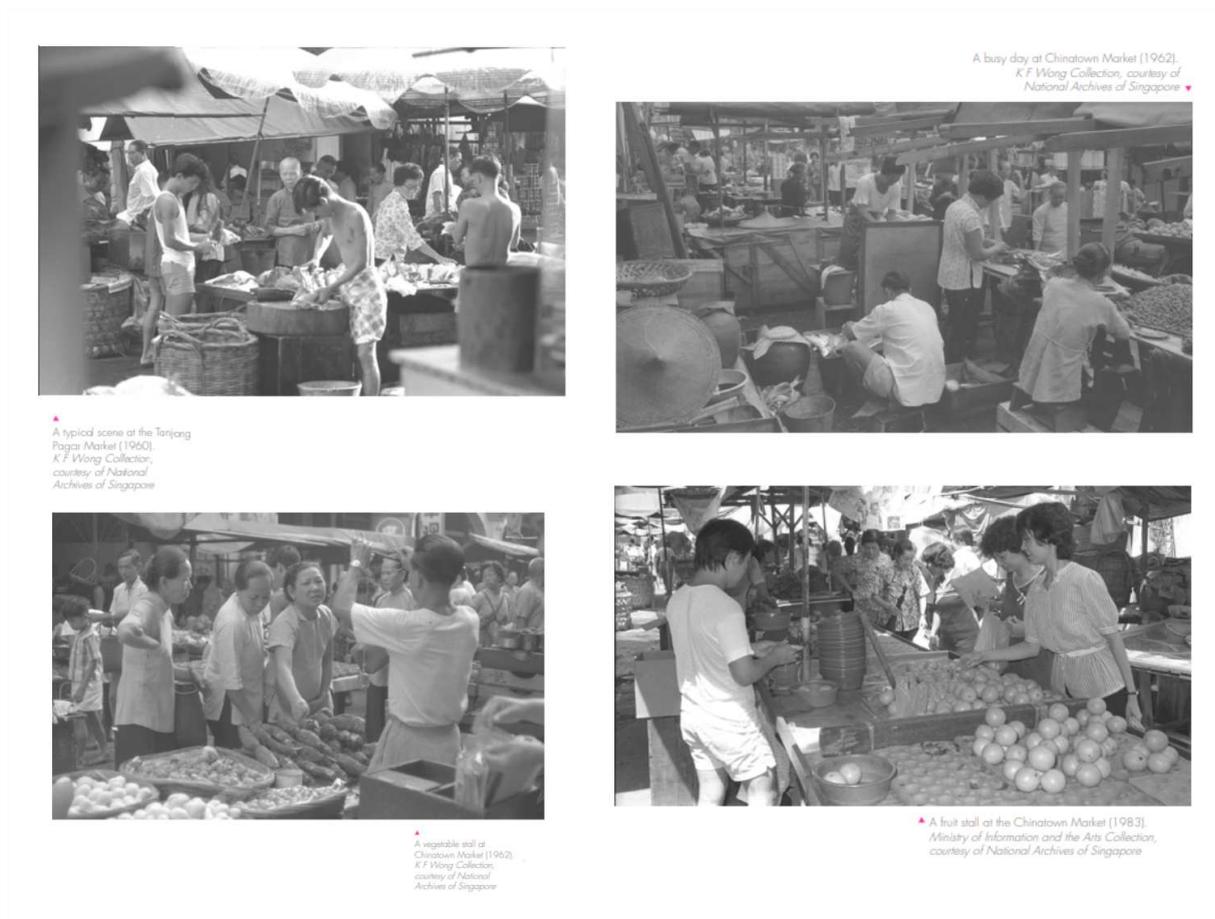
Contudo, essa descrição pode nos apresentar alguns imaginários tendenciosos, que nos levam a acreditar em questões que não necessariamente são coerentes com a realidade — ou ainda são aquele tipo de “meias verdades”, que nos revelam apenas uma parte da história: aquela que é conveniente para o discurso que queremos reforçar. Para podermos trabalhar de uma perspectiva mais amplificada sobre o que são esses mercados que teoricamente existem apenas na Ásia, buscamos algumas referências que especificam o que eles são, o que vendem e como são suas estruturas e relações com a cultura chinesa. De acordo com o livro “Wet Markets: Community Heritage Series II”, desenvolvido pela National Heritage Board, aqui nos é apresentado uma definição do que são os mercados úmidos de Singapura, explicando que, basicamente, são chamados assim em razão do gelo, usado para manter os alimentos frescos, que derretem e caem no chão e se juntam com com a água utilizada pelos comerciantes para lavar seus estandes de venda.

Os mercados húmidos estão normalmente divididos numa secção "húmida", onde se vendem produtos frescos, carne, peixe e animais vivos, e numa secção "seca", onde se encontram as bancas que vendem produtos como especiarias, arroz, massa seca, marisco seco e feijão. A expressão "mercados húmidos" tornou-se comum no início da década de 1970, quando o Governo de Singapura a utilizou para distinguir estes mercados dos "supermercados" com ar condicionado que se tinham tornado populares com a abertura do supermercado Fitzpatrick's em Orchard Road, em 1958. No início da década de 1990, o abate de aves de capoeira vivas nos mercados húmidos foi gradualmente eliminado e transferido para matadouros centralizados. O sistema de cadeia de frio foi introduzido em 1999 e exigia que a carne fosse mantida refrigerada durante todo o processo de preparação. (Wet Markets: Community Heritage Series II, 2013, p. 3, tradução livre)

O documento ainda explica que o desenvolvimento desses mercados pode ser associado à realocação de vendedores ambulantes e do desenvolvimento habitacional popular na cidade, na década de 1950 e 1960. Após a independência em 1965, o número desses vendedores cresceu e, junto deles, também as péssimas condições de saneamento básico e higiene. Por conta disso, o governo de Singapura realocou esses vendedores para espaços dedicados especialmente a essas práticas de venda que eles realizavam, o que acabou formando o que conhecemos hoje por mercados úmidos — um dos primeiros a ser criado foi em 1950, chamado Tiong Bahru Market, e logo esse formato se espalhou por outras regiões.

Para muitas pessoas, esses mercados são apenas encontrados na Ásia em razão da sua forma única de organização e pelas características culturais que estão ligados a esse costume. De fato eles apresentam características únicas, como o próprio ebook explicita: são mercados “personalizados”, pois os comerciantes já sabem as preferências dos clientes regulares; há negociação “boca a boca” e acréscimo de itens gratuitos por apreço, o que tem relação com essa proximidade entre vendedor e cliente; os preços variam de acordo com a demanda e abastecimento, em uma relação de sentir a movimentação no mercado e de saber negociar com o que tem disponível. Todas essas características são colocadas como únicas nos mercados úmidos, mas se pararmos para analisar o contexto de forma geral, fica fácil observarmos que essa relação existe em quase todos os mercados de céu aberto, em especial feiras populares como as tradicionais do Brasil.

Figura 6: mercados populares em Chinatowns



Fonte: print retirado do livro “Wet Markets: Community Heritage Series II”

Mas é importante evidenciarmos que, apesar de um interesse do livro em justamente mostrar que os mercados são marcados por questões culturais, de organização populacional e que são genuínos em sua existência, é possível vermos que não é colocado de lado a questão das problemáticas envolvidas. Na própria descrição do surgimento, e na descrição de um dos mercados que eles trazem para exemplificar ao longo do material, vemos que a relação com a higiene é presente e é uma preocupação. As imagens escolhidas para compor o ebook, inclusive, demonstram como o surgimento foi desordenado e como isso ainda pode ser observado nos dias de hoje, com muitos estandes juntos e muitas pessoas circulando em espaços parcialmente fechados e úmidos. Mas essas mesmas imagens, acompanhada do texto, não excluem que os mercados molhados são espaços de trocas sociais, construção de relações e perpetuação de uma cultura. E principalmente, as imagens não são apresentadas com edições que possam reforçar algum aspecto tendencioso.

Os mercados húmidos são espaços sociais importantes onde os residentes de diversas origens se podem encontrar e interagir enquanto compram produtos frescos e baratos, bem como artigos de mercearia para o lar. Mais especificamente, os mercados húmidos proporcionam um ambiente onde se estabelecem relações pessoais e amizades duradouras, não só entre os residentes e os vendedores, mas também entre os residentes dos bairros. Os mercados húmidos são também locais significativos para os residentes devido à sua familiaridade e às interações sociais espontâneas que ocorrem regularmente. Representam também experiências partilhadas, laços emocionais e memórias nostálgicas para os singapurenses que associam os mercados húmidos aos seus anos de crescimento e à sua vida quotidiana. Por conseguinte, os mercados húmidos contribuem para a criação de laços comunitários e para o estabelecimento de comunidades de bairro coesas, especialmente nos bairros HDB modernizados de alta densidade de Singapura. (Wet Markets: Community Heritage Series II, 2013, p. 29, tradução livre)

Mas para trazermos um outro ponto de vista, menos voltado pela opinião de quem tem interesse em defender os mercados como um marco cultural e genuíno, também encontramos uma matéria, produzida pela National Geographic em 15 de Abril de 2020 e intitulada “É provável que os "mercados húmidos" tenham lançado o coronavírus. Eis o que precisa de saber” (tradução livre)²⁵. O texto também começa explicando que os mercados úmidos eram pouco conhecidos até serem associados com o novo coronavírus. Descreve que são basicamente “Grandes colecções de bancas ao ar livre que vendem marisco fresco, carne, fruta e legumes. Alguns mercados úmidos vendem e abatem animais vivos no local, incluindo galinhas, peixe e marisco. Na China, são um elemento básico da vida quotidiana de muitos” (tradução livre). Como exemplo, resgatam o próprio mercado de Wuhan, chamado “Huanan market”, para evidenciar que nele há uma seção de animais silvestres que são vendidos e abatidos juntos de outras espécies, como cobras, castores, porcos-espinhos e filhotes de crocodilos. E porque “úmidos”? Também explicam que no local o líquido misturado da água dos peixes vivos em tubos, gelo derretido e sangue de animais abatidos são a origem desse conceito.

E também há imagens nesta matéria em questão. Logo na capa, podemos observar um retrato supostamente feito em um mercado úmido em Macau, ainda que não exista nenhum indício explícito disso, a não ser a descrição na legenda. Ainda, vejamos abaixo que os recursos de edição aplicados na imagem tornam o

²⁵ Disponível em:

<https://www.nationalgeographic.com/animals/article/coronavirus-linked-to-chinese-wet-markets>.

Acesso em 14 abr. 2024.

ambiente ainda mais inóspito, ao carregar nos contratantes, na baixa iluminação e na saturação, dando uma sensação de enclausuramento e precariedade.

Figura 7: mercado úmido em Macau



Wet markets, like this one in Macau, are found throughout Asia and sell fresh vegetables, fruit, seafood, and meat. Although most wet markets don't sell wildlife, the terms "wet market" and "wildlife market" are often conflated.
PHOTOGRAPH BY ANTHONY KWAN, GETTY

Fonte: print retirado da matéria "Wet markets' likely launched the coronavirus. Here's what you need to know."

E apesar de deixar claro que esses mercados apresentam, sim, situações que esbarram em questões envolvendo higiene, mais a frente no texto também é indicado como a maioria dos mercados úmidos não vendem animais vivos. E essa concepção por vezes confusa eles justificam pelo conflito entre os termos "mercado úmido" e "mercado de vida selvagem" — sendo esse último muito comum ao redor do mundo e voltado para a venda de animais silvestres como comida ou como pets. "A carne de animais selvagens - carne de animais selvagens - é vendida em mercados locais em muitos locais, incluindo na Índia, América Latina e África" (tradução livre).

Não apenas isso, mas a matéria indica que essa confusão fez com que internacionalmente, em especial por líderes dos Estados Unidos, fossem feitas

chamadas públicas pelo encerramento das atividades desses mercados. Eles relatam que a China “nunca ordenou que os mercados fossem fechados — já que são uma importante fonte de comida acessível além de ser o sustento de muitas pessoas” (tradução livre), mas que em 26 de janeiro de 2020 o governo banuiu a venda e consumo de animais selvagens para alimentação e logo no dia 1º de janeiro decretou temporariamente que o mercado de Huanan (em Wuhan) fosse fechado, após ser associado com os casos de COVID-19. Por fim, o texto ainda conclui, evidenciando que animais selvagens podem estar ligados a disseminação de doenças, mas que isso não é restrito, também, aos mercados úmidos, já que há casos como o de Agosto de 2007 em Connecticut, que pai e filho “adoeceram com antraz depois que sua casa e seu local de trabalho foram contaminados por uma pele de cabra importada da Guiné” (tradução livre).

A partir dessas observações apontadas pelo texto — de um site que, ao final, evidencia ser um material que faz parte do Wildlife Watch, “um projeto de reportagem investigativa entre a National Geographic Society e a National Geographic Partners com foco no crime e na exploração da vida selvagem”, e deixa a possibilidade de interpretação em não haver interesse em sub notificar casos realmente problemáticos envolvendo animais selvagens —, podemos trazer uma discussão um pouco mais justa no que diz respeito a evidências e hipóteses.

E isso acontece de forma diferente ao que vemos na matéria da BBC sobre Wuhan, já que, agora retornando à ela, vemos que ao tratar sobre os mercados úmidos ou outros aspectos culturais da região, o texto não tem preocupação de evidenciar a história que de fato se apresenta sobre esses mercados. Inclusive, a imagem em seu texto também segue sem acrescentar muita coisa à construção da discussão, já que nos apresenta apenas um registro de, supostamente, alguns mercados mercados de rua com suas portas fechadas — já que na legenda da imagem não há nenhum indício de que de fato são os mercados úmidos de wuhan — e durante o início do isolamento — que pode ser justificado pela pessoa sozinha caminhando em frente ao mercado, usando máscara no rosto; ainda que o hábito do uso de máscaras na ásia seja comum, e não possa remeter ou justificar sozinho a época da COVID-19.

Figura 8: comércio fechado por causa da COVID-19



Acredita-se que o novo tipo de vírus tenha se originado em um dos 'mercados úmidos' de Wuhan, onde são vendidos animais vivos

Fonte: print retirado da matéria “Coronavírus: como é Wuhan, a cidade chinesa onde surgiu surto de coronavírus e que foi isolada”

Mais à frente, no tópico ainda é explicado por Zhang que os mercados existem dessa forma, “onde animais vivos são vendidos e é comum ver “galinhas vivas e peixes nadando em tanques de água”, pelo fato das “pessoas querem produtos frescos. Então, por exemplo, diante de um comprador de frango, o vendedor sacrifica e corta o animal no estande. Todas as sobras ficam espalhadas, com pouca higiene e cuidado com a saúde, o que facilita a propagação de doenças”. Somente ao final do tópico é informado muito brevemente que, de acordo com um diretor do Centro de Controle e Prevenção de Doenças da China, “é provável que o vírus tenha sido originalmente transmitido de um animal para um humano” e que por essa razão as autoridades “proibiram a venda de animais vivos em Wuhan”. Assim o assunto sobre os mercados úmidos termina sem muitas explicações concretas, apenas pincelando um quadro raso e estereotipado do que, como já vimos, apresenta complexidades culturais e sociais

Ao enfim caminharmos para nosso último tópico da matéria, chegamos à discussão sobre a “Propagação” do vírus. Contudo, por mais que talvez este fosse o

prelúdio de um novo assunto que pudesse ser iniciado, na verdade acabamos sendo apresentados a mais do mesmo. Mais uma vez é resgatada a questão do grande fluxo de pessoas estar atrelado a disseminação do vírus ao redor do mundo, e que o período de surgimento do vírus, próximo às festividades do ano novo chinês, eram uma preocupação para as autoridades. Na matéria algumas informações extras até são apresentadas, como o fato de um paciente infectado que na época foi identificado nos Estados Unidos e que teria visitado Wuhan anteriormente. E por conta de toda dificuldade em conter o deslocamento de pessoas entre a China e outros países, ou ainda de identificar pessoas que já estavam infectadas e que saíram do país sem que houvesse conhecimento disso — aumentando significativamente a chance das contaminações serem maiores do que o registrado, fez com que diversos protocolos de saúde e restrições fossem aplicadas na China e, especialmente, nos aeroportos do país.

Mas ao final do texto, será que de fato foi possível compreender “como é Wuhan”? Como saldo da matéria, percebemos que as explicações sobre a cidade não chegam nem minimamente a trazer informações concretas sobre sua formação territorial, sua cultura, sobre as pessoas que ali moram, e passam muito brevemente sobre poucas questões econômicas e políticas. Ficamos, na verdade, mais inteirados sobre como essas pequenas informações sobre a cidade e seu país têm relação com o surgimento e propagação da COVID-19. Existe sim, uma consciência de que é necessário explicar e contextualizar a região que possibilitou a origem do vírus, contudo não parece haver muito interesse, ou então perspectiva em, de fato, adentrar em suas complexidades.

3.2 Tomada de consciência: de si, do mundo e da própria ação

E todos esses aspectos que pudemos observar na matéria anterior, nos mostram como, apesar da tentativa do jornalismo em apresentar resoluções a todos os problemas que surgiram com a COVID-19 — fosse divulgando sobre os cuidados ou atualizações os números da doença, ou ainda discutindo sobre as perspectivas de futuro e tentando explicar e contextualizar a China para evitar desinformação (uma dos grande desafios enfrentados na sociedade contemporânea) —, ainda assim a própria mídia noticiosa se vê imersa nas questões que tentou solucionar, por não se permitir ou buscar se aprofundar nas questões que ela mesma problematiza. Podemos encarar essa situação de diversas formas: como simples desinteresse (do

jornalista ou do jornal), como falta de espaço, dificuldade de aprovação dessa produção na escala de feedback da empresa, regras editoriais do veículo. São várias e muitas podem esbarrar naquela discussão que fizemos sobre as decisões que precisam ser tomadas para que uma notícia ou conteúdo sejam ou não veiculados. E inclusive há uma outra perspectiva que podemos adotar: que é a de como o atordoamento, gerado pela crise da COVID-19, abalou não apenas a população como também as instituições e seus marcos de ordem produtiva e de rotina, já que essas empresas também são guiadas por pessoas. Ou seja, em meio a tudo o que era necessário divulgar sobre o novo coronavírus, talvez tenha faltado perceber que algumas questões, ainda que tangenciadas, não eram de fato atravessadas, questionadas, repensadas, reformuladas, etc. Mas de todo modo, assim como não há como esperar que o jornalismo seja guiado por uma falsa imparcialidade, também não há como dizer que a área não reforçou, e ainda reforça, muitas problemáticas que tenta evidenciar como problemáticas — seja esse movimento consciente ou não; intencional ou não.

Por esse motivo, aqui traremos uma segunda matéria para aprofundar nossa análise em outra questão que observamos em meio a nossa seleção de matérias e que pudemos perceber que acaba respingando em grande parte da produção da BBC Brasil durante o início da COVID-19. A grande maioria das matérias trazia um conteúdo mais voltado para essa preocupação inicial de explicar o novo coronavírus e a cultura chinesa. Entretanto, uma parcela menor, mas ainda significativa, tinha como interesse explicar os preconceitos e desinformações que surgiram em meio a essa crise sanitária. Produzida por Mariana Alvim, em 31 de janeiro de 2020, a matéria “Coronavírus: como o surto está espalhando antigos preconceitos sobre a China e seus hábitos culturais” nos apresenta uma seleção de três tópicos julgados centrais quando se fala de preconceito contra chineses: “Xenofobia em rede”, “preconceito com hábitos alimentares” e “discriminação contra as ‘Chinatowns’”.

Logo de início, vamos novamente nos atentar ao título. Quem entra na matéria espera encontrar quais são esses antigos preconceitos que estão sendo espalhados com o surto da COVID-19. Então, já aqui entendemos que devemos encontrar um conteúdo mais extenso, que fará uma interposição entre narrativas “passadas” que são retomadas no “presente” e de onde surgem, como são apresentadas, etc. Ao abrimos a matéria, já nos deparamos com uma imagem antiga, em preto e branco, provavelmente de chineses, que estariam contidos por

uma linha que os delimita do restante da rua. Na legenda temos uma explicação: “Quarentena na Chinatown de Honolulu, em 1899; 'a peste vive e se reproduz na imundície e, ao chegar em Chinatown, encontrou seu habitat' escreveu em documento da época o responsável pelo conselho de saúde do Havaí”. Assim, vemos que a escolha tomada para ilustrar a matéria em um primeiro momento foi justamente resgatar uma situação de preconceito contra chineses fora de seu território (mais especificamente no Havaí, Estados Unidos), já que as Chinatowns são justamente conhecidas por ser esse conjunto de população chinesa que se organiza em outros países.

Figura 9: chineses em quarentena de peste negra, em uma Chinatown no Havaí



Quarentena na Chinatown de Honolulu, em 1899; 'a peste vive e se reproduz na imundície e, ao chegar em Chinatown, encontrou seu habitat' escreveu em documento da época o responsável pelo conselho de saúde do Havaí

Fonte: print retirado da matéria “Coronavírus: como o surto está espalhando antigos preconceitos sobre a China e seus hábitos culturais”

Na sequência, logo ao começar o corpo da matéria em si, a autora nos apresenta um gancho central durante a pandemia, que foi a disseminação de desinformação em aplicativos de mensagens ou redes sociais. Ela destaca a fala de um arquiteto brasileiro e morador de Xangai, que relata ter recebido um vídeo desesperador sobre COVID-19 na China, “de pessoas correndo, caindo, parecia

vídeo de ataque de zumbi”. O vídeo em questão havia sido encaminhado por sua mãe, que por sua vez o havia recebido de grupos [em aplicativos de mensagem], que na verdade se tratava de uma informação falsa, já que não era um vídeo da China. O arquiteto ainda complementa que essa situação é muito comum entre pessoas que não conhecem o país de fato, já que “no mundo é normal isso: o chinês é tratado como uma invasão”. Aqui vemos um gancho direto com a imagem de capa, que mostra essa relação de distanciamento que os chineses encontraram ao longo de sua história, principalmente quando migraram para países de fora da Ásia. Alvim ainda soma à discussão, comentando que esse é apenas um exemplo de outros preconceitos contra chineses, “seja por sua nacionalidade, ascendência familiar ou aparência física”.

A partir dessa questão levantada, Alvim começa a citar uma série de exemplos atuais, e dentro do contexto epidêmico, de situações em que os chineses precisaram lidar com esse preconceito. O primeiro que ela relata é um caso na França, onde chineses relataram ter passado por situações de hostilidade em transportes públicos, escolas e unidades de saúde — e todas essas denúncias passaram a ser reunidas “pela hashtag #JeNeSuisPasUnVirus (#NãoSouUmVírus)”. Outra situação que a autora resgata é uma vivida por Chineses na Coreia do Sul, onde foi observado que “mais de 500 mil pessoas assinaram uma petição na plataforma online Blue House (criada pelo governo para receber petições dos cidadãos) exigindo que visitantes chineses [fossem] impedidos de entrar no país”. E em meio a esses dois exemplos, ela ainda traz um dado importante: “A Associação de Jovens Chineses na França publicou em suas redes sociais estar recebendo pedidos de ajuda psicológica por vítimas de discriminação desde o surgimento do novo tipo de coronavírus”.

As escolhas da autora logo neste início do texto se mostram muito coerentes com o que a matéria nos faz acreditar que será discutido. Partindo do princípio de que preconceitos antigos estão, ainda hoje, afetando os chineses, Alvim trás situações concretas de como isso de fato aconteceu durante o início da crise de COVID-19. E esse preconceito se estendeu durante toda a pandemia, por seus mais de 3 anos de atordoamento, e com certeza não teve seu fim junto com ela. Aqui, vale inclusive lembrar um movimento que surgiu em 2021, em meio à pandemia,

que ficou conhecida como “Asian Lives Matter²⁶”, em uma espécie de inspiração com outro movimento iniciado pela comunidade de pessoas pretas nos Estados Unidos (O Black Lives Matter) em 2013²⁷. E no caso dos chineses que também viviam nos Estados Unidos, o movimento era muito similar, ao também lutarem contra os preconceitos e violências que estavam sofrendo — ainda que ambos sejam movimentados por problemáticas e contextos totalmente diferentes²⁸.

Mas seguindo com a matéria da nossa análise, no primeiro tópico sobre “Xenofobia em rede”, Alvim destaca como a COVID-19 foi responsável por resgatar preconceitos que já existiam sobre a China. Exatamente como pautamos neste trabalho, algumas narrativas que pareciam ter surgiram com eloquência durante a pandemia, na verdade foram apenas uma demonstração mais exacerbada do que essa população já sofre diariamente, há anos. A autora traz no tópico um resgate sobre como “preconceitos, como em relação a comidas consideradas exóticas consumidas na China ou a turistas saudáveis vindos de países asiáticos, podem mascarar problemas concretos e até atrapalhar a tomada de decisões em relação a eles”. Esse acaba sendo, inclusive, um problema para manter as medidas de proteção sanitárias de forma efetiva e não tendenciosa, já que nenhuma decisão sobre isolamento ou proibição de entrada e saída de pessoas em um país pode ser pautada, por exemplo, por uma relação de simples preconceito — é necessário ter evidências concretas, que sustentem essa decisão.

Assim, a autora destaca duas falas de especialistas que são importantes para corroborar com essa sua lógica. Primeiro, o epidemiologista brasileiro Jarbas Barbosa relembra uma situação de 2015, durante a epidemia de Ebola, em que três países queriam “considerar como caso suspeito qualquer pessoa que vinha do continente africano, mesmo que 5 mil km longe dos locais de transmissão”. Na sequência, Alvim destaca outra fala de Barbosa, na qual ele deixa claro que essas situações, tanto a referente ao Ebola quanto à COVID-19, são medidas excessivas, que “não protege nenhum país de importar casos e, pelo contrário, termina incitando

²⁶ Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/asiaticos-americanos-manifestam-contr-aumento-do-preconceito-pos-pandemia/>. Acesso em: 14 abr. 2024.

²⁷ Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/george-floyd-como-negro-morto-pela-policia-inspira-hoje-luta-antirracista/>. Acesso em: 14 abr. 2024

²⁸ No caso do “Black Lives Matter”, tudo começou após o assassinato de um homem preto, George Floyd, que foi asfixiado por um policial branco, que abusou de sua autoridade e negou os pedidos de socorro de George, enquanto tinha sua garganta pressionada pelo joelho do autor do crime.

as pessoas a não agirem com transparência [...]. Além de ser ética e moralmente desaconselhável, porque induz à xenofobia”. E aqui, acredito que toda a definição está feita de forma direta e sem rodeios, não sendo necessário ajustes. Negar que uma pessoa transite em um país com justificativas que tem mais a ver com a forma como você expressa seus preconceitos contra a cultura simplesmente por ela carregar características sociais, culturais e territoriais de suas origens, mostra como as pessoas ainda pouco sabem lidar com as diferenças.

Como Alvim mesma relembra a seguir, a China em contextos de crise sanitária é muito prejudicada pelos estereótipos e preconceitos que circulam sobre sua cultura há anos, “que já apareceram desde em uma epidemia de peste bubônica no século 19 ao surto mundial da Síndrome Respiratória Aguda Grave (Sars) no início dos anos 2000”. E isso acaba sendo justificado pelo que a autora relembra se tratar do termo “perigo amarelo”. A expressão, foi cunhado ainda no século 19, usado pela primeira vez pelo imperador alemão Wilhelm II em 1895 após sonhar com buda sobre um dragão atacando a Europa. Depois, o termo foi popularizado por Matthew Shiel, em seu romance publicado em 1898 e intitulado “The Yellow Danger”, no qual os personagens chineses Dr. Yen How e Dr. Fu Manchu eram os vilões da trama, retratados a partir de perspectivas estereotipadas (Billé, 2018). Mas o termo não ficou restrito a esse período no tempo, sendo resgatado, nominalmente ou não, em outros cenários e contextos como forma de reforçar um medo incompreensível e imaginativo, culturalmente construído e com propósitos na maioria das vezes políticos e econômicos.

Estas associações, que surgiram na viragem do século XX, estavam ligadas a acontecimentos históricos específicos e inseridas em contextos culturais particulares. Nos Estados Unidos, estavam ligadas à chegada de trabalhadores chineses à Califórnia e à concorrência econômica que estes imigrantes representavam. Os imigrantes chineses também diferiam racialmente da maioria branca e eram vistos como estranhos, perigosos e portadores de doenças (Shah 2001: 28). Na Rússia, os receios de uma maré de chineses a inundar o Extremo Oriente russo surgiram no contexto de uma rivalidade imperial entre Tóquio e S. Petersburgo pelo controle do Nordeste Asiático, atingindo o seu auge em 1905 com a derrota humilhante da Rússia às mãos dos japoneses (Siegelbaum 1978) - a primeira vez que uma nação asiática triunfou militarmente sobre uma potência europeia. (Billé, 2018, p. 4, tradução livre)

Assim, a China e a Ásia passariam a ser vistas sob uma ótica do “outro”, ou seja, detentores de uma cultura totalmente avessa, indesejada, suspeita ou

exotizada em relação à cultura do restante do mundo, em especial à europeia e estadunidense. E nesse quesito é importante evidenciar como há uma ideia massificada e homogeneizante do continente asiático, que em grande parte das vezes tem toda a sua diversidade inferiorizada por essas características estereotipadas. E em momentos de crise como a da COVID-19, Ásia por muitas vezes perdeu sua identidade para a China. Então, a associação que passa a existir é simples e rápida. Se a China é vista historicamente como uma cultura 'oriental' e com costumes exóticos, isso existe, é claro, porque a China é um país com pessoas que comem cachorro e não tem higiene por conta da pobreza; e essa pobreza existe porque eles mantêm um sistema socialista, que força as pessoas a viverem em baixas condições de vida.

Existem pesquisas diversas que mostram como essas associações existem e foram ainda mais amplificadas durante a pandemia do novo coronavírus, por exemplo o artigo que já citamos neste trabalho, "Go back to China with your (expletive) virus": A revelatory case study of anti-Asian racism during COVID-19", ou ainda alguns nacionais intitulados "Xenofobia: um velho sintoma de um novo Coronavírus", "O VÍRUS DA XENOFOBIA E A PANDEMIA DE COVID-19", "Pandemia, mentiras e xenofobia: a saúde pública requer interculturalidade", entre outros. E assim, Alvim ainda finaliza este assunto sob a fala do historiador e especialista em Rússia e China, Sören Urbansky: "Na situação de agora (do coronavírus), algumas representações na mídia e falas de políticos ou pessoas comuns certamente têm paralelos no passado".

Apesar de recente, este discurso não surgiu num vazio cultural, mas baseou-se em imaginações muito mais antigas da Ásia como misteriosa, perigosa e inerentemente estranha. Associada a invasores violentos, como Genghis Khan (Zhou 2006), a doenças mortais, como a peste bubónica (Watts 1997), e ocasionalmente retratada como a localização do inferno na cartografia medieval, a Ásia foi, de facto, durante muito tempo, o Outro cultural da Europa (Osterhammel 1998, Said 1977). Por vezes, este sentimento de alteridade intransponível também posicionou a Ásia como um objeto de fascínio fetichista, por exemplo durante o período do Iluminismo, quando as chinoiseries - objectos e modelos arquitectónicos inspirados nas formas chinesas - evocavam fantasias do Oriente como um local de sofisticação e exotismo. (Billé, 2018, p. 5, tradução livre)

Ainda sobre isso, o tópico seguinte, sobre "Preconceitos com hábitos alimentares" reforça — inclusive a partir do livro organizado pelo historiador Urbansky, intitulado "Yellow perils: China narratives in the contemporary world"

(2018), apresentado diversas vezes na matéria e o qual também trouxe alguns trechos nesta pesquisa — como esses preconceitos contra a China acabam sofrendo com “estigmatizações relacionadas à Ásia como um todo”. Ou como explicitamos, homogeneizando diversos povos e culturas sob aspectos de um único território e resumindo toda a história individual dos países a pequenos fragmentos temporais, narrativos e imaginários. Um grande exemplo, como pontuam na matéria, é a questão alimentar, apresentada a partir das discussões sobre os mercados úmidos — que como já explicamos anteriormente, foram tidos como marcos iniciais da COVID-19 e passaram a ser alvo de preconceitos, graças a um imaginário problemático em torno da higiene e alimentação chinesas, usado como desculpa para sempre trazer à discussão que a culpa pela crise seria dos ‘asiáticos que comem cachorro’.

Na própria matéria, inclusive, é possível observar um cuidado para tratar do assunto. As imagens que são colocadas nesse trecho por exemplo, são, respectivamente, de pessoas chinesas com máscaras transitando em um aeroporto, e depois a de pessoas frequentando um mercado em Pequim — contudo, nesta última em questão não fica confirmado se é um ‘mercado molhado’ ou não”, o que pode nos fazer lembrar da discussão que já tratamos no tópico anterior e que, inclusive, é resgatada na matéria: o habitual retrato desses variados mercados na mídia ocidental, com imagens “destinadas a chocar o público” [...] excluem “a maior parte das atividades desses mercados, que seriam absolutamente familiares (aos ocidentais)”. E ainda nessa discussão da matéria, é apontado como o próprio termo “mercados molhados” ou “mercados úmidos” é um termo que não ajuda, já que não caracteriza de fato o que existem nesses mercados e apenas reforçam os aspectos que são ideais para reforçar essa culpabilização da pandemia.

A Ásia por si só é um continente diverso — e , como já aprendemos, esses mercados são originais de Singapura—, e somente a China é o seu maior país, com mais de 1,4 bilhões de pessoas (Banco Mundial, 2021) e cerca de 56 etnias diferentes (IBraChina, 2023). Apenas dentro do seu território é possível encontrar diferenças essenciais entre as culturas ali existentes e isso também impacta diretamente em como os “mercados úmidos” são formados localmente. Um dos autores presentes no livro “Yellow Perils”, que também foi entrevistado, e acrescentar a essa lógica ao dizer que essa visão estereotipada além de existir culturalmente, ainda é reforçada “com imagens ‘destinadas a chocar o público’, de

animais apresentados como exóticos; que misturam capturas de diferentes mercados ao redor da China apesar das diferenças locais e culturais; e que excluem 'a maior parte das atividades desses mercados, que seriam absolutamente familiares (aos ocidentais)'.

Figura 10: pessoas transitando em aeroporto de Singapura



Passageiros em aeroporto de Cingapura; organismos internacionais como OMS se colocam contra medidas 'extremas' como fechamento de fronteiras e banimento de voos

Fonte: print retirado da matéria “Coronavírus: como o surto está espalhando antigos preconceitos sobre a China e seus hábitos culturais”

Figura 11: pessoas transitando no 'mercado úmido' de Pequim



NICOLAS ASFOURI/AFP

Os chamados 'mercados molhados' viram símbolo da estigmatização de hábitos alimentares chineses, apontam cientistas sociais; na foto, se vê um mercado em Pequim

Fonte: print retirado da matéria “Coronavírus: como o surto está espalhando antigos preconceitos sobre a China e seus hábitos culturais”

E é nesse momento da matéria que um aspecto interessante é levantado pela fala de Lynteris: “Essa é uma forma sutil, mas pernicioso, através da qual até a mídia mais esclarecida estimula a sinofobia”. Ou seja, essas imagens são reforçadas por quem? Pela própria população que reforça esses preconceitos e que se agarra a esse imaginário para encontrar uma resposta à pandemia? Ou esse também é um papel que sempre foi amplamente desempenhado pela própria mídia? E como pudemos ver no tópico anterior, até mesmo a BBC Brasil, que se propôs a produzir um texto que tentava explicar Wuhan e China para além da pandemia, tentando apresentar informações para além dos estereótipos, ainda assim esteve sujeita a essa mesma conduta que buscou contrariar.

E muitas vezes esse reforço ao sionismo não necessariamente precisa estar estampado com todas as letras, mas costuma estar presente nas entrelinhas. Seja pela escolha de informações que faz ao escrever uma matéria, a inclusão de algumas informações em detrimento de outras, o enfoque em aspectos que possam gerar controvérsias, e até mesmo as palavras que escolhe escrever podem trazer um sentido que vai ao encontro do preconceito. De acordo com Lynteris, acontece

muito quando a mídia estimula a sinofobia ao retratar “os hábitos chineses de alimentação e consumo como em descompasso com a modernidade; como resquícios irracionais, nojentos e patogênicos de um passado obscuro”.

E é interessante perceber que, até mesmo nesse próprio tópico conseguimos observar como as evidências e explicações sobre os “Preconceitos com hábitos alimentares” na verdade não estão também explicados ali. Ainda que a matéria tivesse se proposto a explicar apenas questões que vão ao encontro desse preconceito com o surgimento da COVID-19, ainda assim acredito que não a discussão apresentada se torna rasa quando não encontramos de fato alguma explicação que responda de onde vem esses preconceitos e quais seus impactos reais nessa população, para além da pandemia. Acredito que a raiz da questão não deveria ser apenas evidenciar quais são os preconceitos, mas, novamente, se aprofundar sobre suas complexidades, de modo a realmente debater suas questões e apresentar à população as origens desse sentimento. Sem uma auto reflexão e auto questionamento, fica difícil que essas discussões rasas sejam ultrapassadas.

Assim, o tópico finaliza a discussão sobre os preconceitos alimentares mais uma vez articulando sobre a questão dos mercados úmidos e da sua relação com o surgimento do vírus. Alvim retoma a questão da disseminação de desinformação por vídeos, citando um caso no Brasil em que houve um compartilhamento de imagens “do que seriam sopas de morcegos consumidas em Wuhan — apontadas, nos boatos, como possível origem do novo coronavírus”. Contudo, e como também evidencia a autora, há uma diversidade de pesquisas que “frisam que não havia venda ou presença de morcegos no mercado [molhado] de Huanan”, ainda que eles tenham sido apontados como hipótese de origem do vírus. Ou seja, aqui percebemos que, mais forte do que uma evidência científica, é um imaginário consolidado sobre um povo e sua cultura.

Mas ainda seguindo com a matéria, o texto finaliza falando em seu último tópico sobre as Chinatowns, assunto que já foi brevemente citado ao longo do texto. Nesta parte, a autora inicia falando sobre como o surto de SARS em 2003 impactou o “comércio de imigrantes chineses em metrópoles ocidentais, como em Toronto, no Canadá”, além de haver registro de “consumidores chineses saudáveis sendo impedidos de comprar ou se hospedar em acomodações pelo mundo”. Como o novo coronavírus (Sars-CoV-2) também surgiu na China, assim como a sua versão de 2003, acaba sendo comum que “questões de saúde recentes como essa vão ao

encontro de uma noção de crescimento, populacional e econômico, descontrolado da China”, aponta o antropólogo convidado, Lynteris, que ainda relembra que uma epidemia de Peste Bubônica surgiu em Hong Kong, região da China, no final do século 19. Dentro da discussão apresentada, entende-se que esse histórico de surgimento de doenças no país foram determinantes para que muitas pessoas as relacionassem à aglomeração de pessoas, algo facilmente atrelado à sociedade chinesa — com uma população com mais de 1,4 bilhão e representando cerca de 18% da população mundial. E para além da ação em discriminar chineses isoladamente, por exemplo transitarem espaços, ainda houve a possibilidade de prejudicar grupos inteiros que estão localizados em outros países a partir das Chinatowns.

Mas também é destacado, e é interessante pensar, como, ao longo do tempo, o surgimento de doenças no país teve mudanças de perspectivas na mesma medida em que a China se tornava mais ou menos influente no mundo. Por exemplo, o texto informa que “no passado, doenças e infecções eram associadas a uma outra imagem da China: a de decadência”, enquanto que hoje seria acompanhado de “uma ‘ansiedade’ quanto ao poder da China”, que pudemos observar nos vários discursos durante a pandemia que afirmavam que a China teria começado a COVID-19 como uma forma de atacar o mundo e espionar outros países com chips em suas vacinas. Contudo, essas associações do “passado” não ficaram para trás, e na verdade tem se reintegrado, reformulado e ressignificado ainda hoje; e não é algo que está perto de ser superado.

Agora, já se encaminhando para o desfecho do tópico e da matéria, vemos novamente o movimento em resgatar uma discussão que se torna repetitiva e não avança das problemáticas. Ao invés da autora articular sobre essa relação que ela aponta entre um sentimento de decadência e de ameaça referentes às doenças, ela mais uma vez retoma sobre o surgimento de outras epidemias no país durante o século 19 (no caso, uma terceira, de peste bubônica). A vantagem é que ela também aproveita para retomar um assunto que havia ficado perdido em tópicos anteriores, sobre como a mídia durante esse período na história se mostrou responsável por perpetuar essas associações entre doenças e aglomerações chinesas — mostrando como isso não é algo que é feito apenas hoje, mas sim é perpetuado há anos pelos jornais.

Mas, mais uma vez, ao invés de se aprofundar também sobre essa questão da produção noticiosa, ela apenas acrescenta outras informações na sequência. Assim, ela evidencia que, ainda nesse contexto histórico do século 19, pressões contra a Dinastia Qing, da época, eram vistas como relutância da população em tomar vacinas. Mas o contexto disso mais uma vez não se mostra presente, sendo seguido apenas por mais uma outra informação, agora sobre como “Nas Chinatowns dos EUA, [...] além de serem encarados pelos americanos como competidores em negócios e postos de trabalho, os imigrantes asiáticos passaram a ser relacionados a doenças.”

Figura 12: recorte de um jornal durante surto de peste bubônica em 1900



Ilustração e imagens em jornal californiano retratam moradores de Chinatown depois de fim de quarentena em 1900 — imposta após casos de peste bubônica

Fonte: print retirado da matéria “Coronavírus: como o surto está espalhando antigos preconceitos sobre a China e seus hábitos culturais”

Pode parecer confuso toda essa troca de assuntos que relatei acima, e realmente é. Chegando ao encerramento deste tópico da matéria, parece apenas que Alvim perdeu um pouco do foco com o qual pretendia trabalhar. Ao evidenciar que falaria sobre as Chinatowns, há um sentimento inicial para quem lê de que o que encontraremos é uma discussão organizada sobre o que são essas organizações, como surgiram, porque são alvo de preconceitos, qual a relação disso

com a COVID-19, entre outras articulações. Esperava-se uma construção mais direcionada e organizada dos fatos, mas o que encontramos é apenas uma mistura de informações pouco elaboradas, que não trazem muita profundidade à discussão e, em grande parte, quase sempre estão evidenciadas pelas aspas de outra pessoa.

Claro que diferente da matéria sobre Wuhan, que analisamos anteriormente, é louvável que neste texto encontremos tantas referências a especialistas e tantos contextos históricos para embasar o conteúdo. Contudo, ao final da leitura fica um sentimento de que toda a discussão esteve somente na “boca de outra pessoa”, sem permitir que essa prática de reflexões e dos aprofundamentos indispensáveis à prática jornalística fossem realizadas — seja por medo de dizer algo errado, seja por medo do ‘tribunal’ da imparcialidade, ou ainda por puro desinteresse em se estender na discussão. Não sabemos os motivos, mas podemos dizer que como resultado dessa análise conseguimos uma variedade de discussões que não avançam muito e, mais uma vez se mantém entre ânsia jornalística de relatar e resolver o problema, e a difícil tarefa em não ser mais um dos que perpetuam estereótipos pela falta de disposição, espaço ou permissão em realmente se permitir debater.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo de início, deixo claro que esta pesquisa não tem interesse em dizer se alguém está certo ou está errado, muito menos tem o objetivo de culpabilizar jornais e pessoas. Com certeza, alguns discursos observados ao longo de toda a pesquisa dão um certo amargor, principalmente quando vemos algo que não esperamos ou veementemente não concordamos. É importante que a pesquisa científica seja sempre uma ferramenta de ação, que não se esconda de forma apática das suas mais fortes ponderações e opiniões, como se os estudos fossem apenas uma reprodução sistemática entre objetos e resultados. Mas também é importante saber que uma única pesquisa jamais dará conta de responder todas as indagações que existem sobre algo, muito menos deve ser levada como uma definição de uma sentença absoluta sobre um assunto. O mais importante é que ela se mantenha justamente aberta a reconsiderações, a reavaliações, a reformulações. Assim como o tempo é um emaranhado interconectado e não linear, assim também é o conhecimento e o mundo.

Mas, é claro, algumas considerações podem ser levantadas aqui, a partir do que pudemos observar nas matérias analisadas neste trabalho. A primeira grande percepção que fica é de que ainda precisamos reforçar mais a importância de sempre buscarmos melhorar. Isso em todos os sentidos. Mas falando mais especificamente sobre como falamos sobre a China, vemos que algumas narrativas insistem em se ancorar em percepções rasas, estereotipadas e, muitas vezes, ultrapassadas — no sentido de que são reproduzidas por pessoas que deveriam trazer mais percepções e profundidade às suas falas. Ainda que, como defendemos nesta pesquisa, a forma como cada pessoa enxerga o mundo é muito particular, ainda assim é importante levarmos em conta que aquilo que experienciamos coletivamente sobre o mundo também poderá nos dar um cenário mais limitado de articulações, caso não busquemos conhecer as complexidades ao nosso redor, que não chegam naturalmente às nossas relações.

Por exemplo, se alguém, por toda a sua vida esteve sujeita a receber informações sobre a China, que evidenciavam aspectos de “exotização”, sujidade e pobreza, é claro que, independente do país asiático ser um dos mais desenvolvidos atualmente e ter tido, inclusive, medidas de restrição rápidas e eficazes durante o lockdown, a percepção sobre a sua cultura e seu povo serão direcionadas para um

lado que pende muito mais à negatividade das suas ações. E nesse processo, resta à individualidade de cada um ou perpetuar esses pensamentos rasos, ou não acreditar que são a verdade absoluta e ir em busca de algo a mais. Esse processo de busca, investigação, contestação, reformulação e até criação são necessários para que nós e nossa sociedade possamos sempre nos renovar. E essa também deve ser uma ação do fazer jornalístico, que deve olhar para si mesmo e perceber aquilo que já não faz mais sentido e ir em busca de novas articulações.

Por isso, é importante que o jornalismo, ao narrar a China nesse contexto pandêmico que levantamos ou em outros, se preocupe em debater não apenas o país em si, como também os aspectos que estão por trás dos preconceitos contra a Ásia, sua cultura e o que ela representa no mundo. O movimento que mais observamos nas duas matérias principais analisadas foi de que há, sim, um interesse em debater essas questões, mas quando chega na hora de realmente trazer ao texto, vemos que falta abrir mais espaços para que esses diálogos possam ser complexificados — de modo a saírem das citações que apenas se ancoram em dados soltos e informações pouco contextualizadas, que não agregam de fato à discussão. Olhar apenas para um dos aspectos que se mostraram temporariamente mais problemáticos durante a pandemia é reduzir e retirar a importância que outras discussões também têm nesse cenário.

Falar sobre China, por exemplo, não é apenas trazer informação sobre como de fato são seus hábitos alimentares, descrever os mercados úmidos e destacar as problemáticas por trás de quem acredita que a pandemia ocorre porque ‘os chineses comem cachorro’. É necessário que a mídia também busque evidenciar que esses preconceitos, na verdade, vêm de questões ainda mais profundas, que atravessam não somente as percepções que temos sobre esse povo, mas que também dizem respeito das narrativas propagadas a partir de debates políticos, econômicos e de discursos de poder — ou seja, que demonstra como algumas dessas narrativas são pretendidas, com interesse no resultado que vão gerar assim que forem compartilhadas e socialmente aceitas. Não é simplesmente um preconceito passado que retorna em um momento de crise, mas sim uma perpetuação histórica e temporal de uma violência, muitas vezes feita de forma consciente.

Sabemos que o jornalismo por si só não consegue e nem precisaria dar conta de responder todas as problemáticas do mundo ou explicar todos os assuntos pautados por ele. Mas em meio ao material que coletamos, pudemos perceber que

houve uma produção extremamente repetitiva sobre determinados aspectos da China e sobre a pandemia, deixando uma expectativa de que talvez, em um texto ou outro, houvesse espaço sim para que questões distintas também fossem aprofundadas. Mas esse momento raramente chega. Pelo contrário, outros discursos estereotipados acabam ganhando destaque em detrimento desses assuntos que também julgamos importantes. Por exemplo, dois dos textos que aparecem em nossa seleção são intitulados “O relato de uma brasileira confinada em Wuhan, epicentro do coronavírus: ‘É como uma prisão domiciliar’²⁹” e “Coronavírus: o diário de uma moradora de Wuhan sobre viver confinada na ‘cidade-fantasma’³⁰”, os quais trazem alguns aspectos interessantes de serem citados brevemente neste momento.

Em primeiro lugar, ambos os textos já nos remetem à questão do confinamento com um aspecto negativo, seja por estar acompanhado do complemento “é como uma prisão domiciliar” ou por atrelar Wuhan a uma “cidade-fantasma”. Tanto Wuhan quanto a China foram muito pressionados e culpabilizados no início da pandemia e isso acabou refletindo em suas medidas de contenção, muitas vezes, mais intensas do que ao redor do mundo. E isso, principalmente e obviamente, pelo fato da região ser o marco zero da COVID-19 e precisar agir rapidamente para que o vírus não se espalhasse ainda mais para outros países. Apesar disso, para alguns moradores essa relação foi extrema e essa é uma percepção pessoal, mas para a mídia pareceu mais importante destacar esse aspecto de “aprisionamento” do que as medidas de segurança que estavam por trás disso, e que eram necessárias apesar de tudo.

Outro ponto que podemos evidenciar é de como em ambas as matérias não há uma preocupação muito forte em explicar a importância do isolamento social. Ele é citado e contextualizado, mas a informação sempre passa um sentimento de culpabilização de um “governo autoritário” que gerou pânico nas pessoas. E mais uma vez, esse aspecto, é claro, está ancorado nas matérias sobre o fato de terem como foco principal a visão de duas pessoas que não tiveram boas percepções sobre as medidas tomadas. Mas ainda que sejam opiniões pessoais das moradoras,

²⁹ Disponível em: [³⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51309536>. Acesso em: 14 abr. 2024.](https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51285083#:~:text=V%C3%ADdeos-,O%20relato%20de%20uma%20brasileira%20confinada%20em%20Wuhan%2C%20epicentro%20do,%C3%89%20como%20uma%20pris%C3%A3o%20domiciliar'&text=A%20paraense%20Reisi%20Liao%20mudou,no%20dia%208%20de%20novem bro. Acesso em: 14 abr. 2024.</p></div><div data-bbox=)

ainda assim não deixa de ser uma escolha jornalística dar voz a essas narrativas, que poderiam mover ainda mais descontentamento às medidas sanitárias que, ainda que indesejadas, eram necessárias — e inclusive foram tomadas muito tardiamente em alguns locais, justamente pela falta de aderência das pessoas, como é o caso de do estado de São Paulo, no Brasil, que em 2020 teve um aumento nos casos por conta de uma quarentena que demorou a ser mais rígida³¹.

Já em relação às matérias principais deste trabalho, que foram “Coronavírus: como é Wuhan, a cidade chinesa onde surgiu surto de coronavírus e que foi isolada” e “Coronavírus: como o surto está espalhando antigos preconceitos sobre a China e seus hábitos culturais”, pudemos observar que buscaram trazer aspectos interessantes de serem discutidos com o público, mas também fica claro que, ao mesmo tempo, não conseguem trazer profundidade à discussão, passando boa parte do texto escrevendo sobre desinformação na pandemia; sobre como aspectos culturais da cidade e do país impactaram no combate à COVID-19; e, por fim, como isso resgata preconceitos antigos. Mas conforme lemos os materiais, acabamos com um sentimento de que todas as pontas foram soltas à nossa frente, mas sem que em algum momento fossem amarradas ou ao menos conectadas de alguma forma.

No final, é quase como se as mesmas questões estereotipadas que as matérias buscam inicialmente combater, elas acabassem de algum modo as reforçando, já que são as únicas coisas que foram capazes de trazer à discussão sobre China e Ásia. É como se só houvesse isso para falar sobre o país e seu continente. Mas, na verdade, o que tem para além disso? Se depender dessas matérias, jamais saberíamos se não investigássemos por conta própria. Contudo, podemos pensar que, em um saldo mais positivo, a pandemia de fato, em seu caráter catastrófico e para além de todo o desconcerto e sofrimento que gerou, também possibilitou que houvesse espaço para repensarmos a forma como narramos, muitas vezes de forma violenta, o mundo a nossa volta.

Dessa forma, acredito que nosso objetivo em compreender mais sobre como a cultura da China e seu imaginário são narrados a partir das matérias jornalísticas da BBC Brasil foi alcançado. Contudo, também fica claro a imensidão de discussões que poderiam ser propostas a este trabalho, para além das que fizemos. Mas mais

31

Disponível

em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/endurecimento-da-quarentena-em-sao-paulo-timido-tardio-avaliam-especialistas-24773966>. Acesso em 14 abr. 2024.

uma vez, reforço que não há necessidade de dar conta em um único trabalho de todos os lados que essa pesquisa mostrou. Ao longo dos capítulos passamos por aqueles pontos que nos pareceram se destacar mais e que, de certa forma, seriam indispensáveis de serem apresentados ao longo da monografia. E aqui a própria crítica que fizemos ao longo do trabalho também pode ser aplicada a mim mesma, que escrevo.

Houve, com certeza, um interesse em ir além e mostrar ainda mais aspectos que se mostravam ao longo das análises. Contudo, é importante salientar que também tivemos nossas limitações, em especial de tempo, que não nos permitiram avançar em outros pontos. Esta pesquisa, ainda que tivesse muito do seu material adiantado desde a Iniciação Científica, foi realizada em praticamente três meses. Sendo aluna da Universidade Federal de Uberlândia, que ainda em 2024 sofre com o atordoamento da pandemia no calendário acadêmico (que desde o início do isolamento, passou a ter atraso nas aulas e precisou ter os semestres reduzidos), posso realmente relatar que essa catástrofe mudou completamente a forma como passamos a lidar com o mundo.

Por isso, esta pesquisa não terá um fim aqui. Meu objetivo é que, para além dela servir para que novas discussões sobre o tema sejam realizadas daqui para a frente, ela também se articule com minhas pesquisas futuras envolvendo narrativas sobre China e Ásia, como forma de expandir as investigações aqui iniciadas. Assim, espero que todo esse percurso científico e humano siga sendo repensado, rediscutido, reelaborado, refeito, entre tantas outras ações que são indispensáveis à construção de um conhecimento fluido, ativo e heterogêneo.

REFERÊNCIAS

MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. [Entrevista concedida a] Juremir Machado da Silva. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2001. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123>. Acesso em 14 abr. 2024.

ANAZ, S. A. L. et al. **Noções do imaginário**: perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin. *Revista Nexi*, n. 3, 2 dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nexi/article/view/16760/15660>. Acesso em 14 abr. 2024.

BILLÉ, F; URBANSKY, S. **Yellow Perils**: China Narratives in the Contemporary World. Estados Unidos: University of Hawai'i Press, 2018.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. 1. ed. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2015

EBERHARD, W. **A HISTORY OF CHINA**. 3. ed. California: Berkeley and Los Angeles, 1969.

FRANÇA, D; CALDEIRA, L; JANAY, P; BARBOSA, R. Catástrofes sonoras: formas instáveis e experiências com podcast e audiolivro. In: **Catástrofes e crises do tempo**: historicidades dos processos comunicacionais. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/catastrofes-e-criSES-do-tempo/>. Acesso em: 14 abr. 2024.

LEAL, B. **Introdução às narrativas jornalísticas**. Porto Alegre: Editora Meridional, 2022.

LEAL, B; GOMES, I. M. M. Catástrofe como figura de historicidade: um gesto conceitual, metodológico e político de instabilização do tempo. In: **Catástrofes e crises do tempo**: historicidades dos processos comunicacionais. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020.

LYRIO, M. C. A ascensão da China como potência: fundamentos políticos internos. Brasília: FUNAG, 2010. Disponível em: https://funag.gov.br/loja/download/902-Ascensao_da_China_como_Potencia_A.pdf. Acesso em: 14 abr. 2024.

MANNA, N. Narrar o atordoamento. In LEAL, B (Org.) **Imagens e imaginários da pandemia**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2021.p. 311-319. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/imagens-e-imaginarios-da-pandemia/>. Acesso em: 14 abr. 2024.

NACIONAL HERITAGE BOARD. **Community Heritage Series II: Wet Markets**. Singapore, 2013. Disponível em:

https://www.nhb.gov.sg/~media/nhb/files/resources/publications/ebooks/nhb_ebook_wet_markets.pdf. Acesso em: 14 abr. 2024.

PENA, F. **Teorias do Jornalismo**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa (tomo 1)**. Campinas, SP: Papyrus, 1994. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/ricoeur-p-tempo-e-narrativa-tomo-i.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2024.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

WANG, S; SANTOS, M. “Go Back to China With Your (Expletive) Virus”: A Revelatory Case Study of Anti-Asian Racism During COVID-19. **Asian American Journal of Psychology**. Santa Clara, v. 13, No. 3, p. 220-233, fev. 2022.

WILLIAMS, R. Cultura é algo comum. In **Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2015. P. 3-28.

WILLIAMS, R. Cultura. In **Palavras-chave**. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 117-124.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Milão, Gruppo Editoriale Fabbri, 1985.

ANEXO A – MATÉRIA “CORONAVÍRUS: COMO É WUHAN, A CIDADE CHINESA ONDE SURTIU SURTO DE CORONAVÍRUS E QUE FOI ISOLADA”

Abaixo, o texto da matéria foi copiado e colado na íntegra, com a exata formação e conteúdo observados no dia 16 de abril de 2024

Coronavírus: como é Wuhan, a cidade chinesa onde surgiu surto de coronavírus e que foi isolada

23 janeiro 2020



GETTY IMAGES

Legenda da foto: Wuhan, na região central da China, é a sétima maior cidade do país — e entrou definitivamente no mapa mundial por ter sido origem de novo coronavírus

**Atualizada às 23h09 de 23/01*

Ela pode não ser uma megalópole tão conhecida, como Pequim ou Xangai, mas é a sétima maior cidade da China e a número 42 do mundo. Mas agora, Wuhan ganhou fama: é a origem de um novo tipo de coronavírus, que já infectou mais de 830 pessoas no país e matou pelo menos 25.

O vírus já se espalhou para outros oito países — Arábia Saudita, Cingapura, Coreia do Sul, Estados Unidos, Japão, Tailândia, Taiwan e Vietnã. Não há registro de casos confirmados no Brasil.

Suspeitas chegaram a ser informadas por quatro Estados (Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul) e pelo Distrito Federal, mas o Ministério da Saúde descartou que sejam casos do novo coronavírus, porque os pacientes não atendiam aos critérios clínicos (febre e mais algum sintoma respiratório) e epidemiológicos (ter viajado para Wuhan, ter tido contato com um paciente suspeito ou confirmado) estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde para a identificação de possíveis casos.

Em Wuhan, capital da província de Hubei, autoridades locais admitem que estão em um "estágio crítico" de prevenção e controle. Na quarta-feira, foi anunciado que todo o transporte da cidade chinesa seria interrompido, e a cidade parcialmente "fechada", ou seja, pessoas "sem motivos especiais" não poderiam deixar a cidade, com o objetivo de barrar a propagação do vírus.

As medidas drásticas vêm pouco antes do início das comemorações do Ano Novo Chinês, época de maior movimento de pessoas no país e no mundo.

Ponto estratégico nacional

Segundo dados das Nações Unidas para 2018, a população desta cidade é de 8,9 milhões de pessoas — mas outras fontes falam em até 11 milhões.

Ela é conhecida coloquialmente como a "panela da China" por suas altas temperaturas, sobretudo no verão.

É também cenário para capítulos importantes na história do país. Resultado da união de três localidades, Wuchang, Hanyang e Hankou, foi ali que começou a revolução que deu fim à China imperial, a revolta de Wuchang, em 1911.

O enclave é um importante ponto de conexão da rede de transporte do país: fica a poucas horas de trem das cidades mais importantes, o que o torna estratégico para a infraestrutura ferroviária de alta velocidade.



GETTY IMAGES

Legenda da foto: Autoridades locais admitem que estão em um "estágio crítico" de prevenção e controle em Wuhan

Construída no curso intermediário do rio Yang Tsé — que, com quase 6,4 mil quilômetros, é o maior rio da Ásia e o terceiro do mundo — também tem um importante porto, com navios que se conectam a Xangai, no leste, ou à Chongqing, no oeste.

Justamente o tamanho e a importância econômica de Wuhan explicam em parte por que o vírus viajou tão rapidamente no sudeste da Ásia e até chegou aos Estados Unidos.

Em resumo: o vírus se espalhou assim porque muitas pessoas entram e saem de Wuhan, carregando o vírus.

As autoridades chinesas estão aconselhando as pessoas a não viajarem para lá; aos seus habitantes, recomendam que evitem multidões e minimizem reuniões com mais pessoas.

"Basicamente, não vá para Wuhan. E para aqueles em Wuhan, por favor, não deixem a cidade", disse Li Bin, vice-ministro da Comissão Nacional de Saúde da China.

Além disso, ele avisou que nesta quinta-feira as autoridades suspenderiam o "transporte público urbano — metrô, balsa e transporte de passageiros de longa distância".



O aeroporto e as estações de trem seriam "temporariamente fechados".

O vírus já está em pelo menos 13 províncias chinesas, além das regiões administrativas especiais de Hong Kong e Macau, que confirmaram seus primeiros casos na quarta-feira, informou a agência EFE.

Conexões internacionais

Além disso, a cidade tem um aeroporto que a conecta com todas as regiões do mundo, direta ou indiretamente.

O Aeroporto Internacional de Wuhan transportou 20 milhões de passageiros em 2016 e oferece voos diretos para Londres, Paris, Dubai ou Nova York, entre outros. A cidade, de acordo com seu site, é "a base tanto das indústrias de alta tecnologia como as tradicionais".

Wuhan tem várias zonas industriais, 52 instituições de ensino superior e mais de 700 mil estudantes.

Cerca de 230 das 500 maiores empresas do mundo (classificadas pela lista da Fortune Global) já investiram ali.

Os mais notáveis são da França, que possuía uma "concessão estrangeira" (território arrendado) em Hankou, hoje Wuhan, entre 1886 e 1943. Há investimentos de mais de 100 empresas francesas, incluindo a Peugeot-Citroen, que tem ali um consórcio chinês.

Wuhan também serve como porta de entrada para as Três Gargantas, uma região turística e sede da enorme hidrelétrica homônima.

'Imagine fechar Londres antes do Natal'

James Gallagher, repórter de assuntos de saúde da BBC

Wuhan está começando a se parecer muito com uma cidade em quarentena.

As autoridades já avisaram aos moradores para não deixarem a cidade e pediram aos visitantes em potencial que desistissem do plano.

Agora, a interrupção do transporte público, incluindo voos, bloqueia muitas das conexões de e para a cidade.

É uma tentativa notável de impedir a propagação deste novo vírus, que sabemos agora poder ser transmitido de pessoa para pessoa.

A limitação do transporte reduzirá a possibilidade do vírus chegar a outras cidades da China e a outros países do mundo.

Tudo isso ocorre quando milhões de pessoas estão viajando por todo o país para as festas do Ano Novo chinês.

Para colocar em perspectiva: imagine fechar Londres na semana anterior ao Natal. A grande questão que resta agora são as estradas: será que alguns dos milhões de habitantes de Wuhan conseguirão deixar a cidade com seu veículo?

Possível origem do vírus



GETTY IMAGES

Legenda da foto: Acredita-se que o novo tipo de vírus tenha se originado em um dos 'mercados úmidos' de Wuhan, onde são vendidos animais vivos

Embora a China não tenha confirmado a origem exata do vírus, agora conhecido como 2019-nCoV, as autoridades acreditam que o surto se originou em um mercado de Wuhan.

"Este é um dos chamados 'mercados úmidos', muito comuns na Ásia", explica Howard Zhang, editor do serviço chinês da BBC.

"São mercados onde animais vivos são vendidos. Você pode ver galinhas vivas e peixes nadando em tanques de água."

"Isso ocorre porque as pessoas querem produtos frescos. Então, por exemplo, diante de um comprador de frango, o vendedor sacrifica e corta o animal no estande. Todas as sobras ficam espalhadas, com pouca higiene e cuidado com a saúde, o que facilita a propagação de doenças", explica Zhang.

"Suspeita-se que o vírus tenha se originado em um desses mercados", acrescenta. Como observado por Gao Fu, diretor do Centro de Controle e Prevenção de Doenças da China, é provável que o vírus tenha sido originalmente transmitido de um animal para um humano.

As autoridades proibiram a venda de animais vivos em Wuhan, e há relatos de que a polícia está realizando inspeções para garantir que a determinação seja seguida.

Propagação

Segundo especialistas, embora o vírus tenha se originado em um mercado local, é o fluxo de pessoas que entra e sai de Wuhan que causou sua rápida disseminação.

O paciente infectado identificado nos Estados Unidos, por exemplo, visitou Wuhan recentemente, assim como duas pessoas infectadas no Japão. Além disso, um paciente na Coreia morava lá e o caso na Tailândia é de um turista chinês de Wuhan.

O que preocupa as autoridades agora é que esse fluxo pode aumentar à medida que o Ano Novo chinês se aproxima, e milhões de pessoas circulam para comemorar.

As celebrações oficiais começam nesta sexta-feira, dia 25, embora as viagens já tenham começado e geralmente durem até o final das festas. Esse período é conhecido como a maior "migração interna" do mundo, na qual milhões de pessoas se deslocam anualmente.

Portanto, protocolos de saúde já foram impostos em aeroportos e estações de trem com conexão com a cidade.

Mas, embora o vírus possa continuar a se espalhar rapidamente, as autoridades chinesas estão melhor preparadas agora, opina Howard Zhang.

"Após a emergência de saúde pública do vírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave (conhecida pela sigla em inglês Sars) em 2002, que também era um coronavírus originado na China e que matou quase 800 pessoas no mundo, as autoridades de saúde chinesas aprenderam muito sobre esse tipo de situação", diz o editor.

"Naquele tempo, as autoridades levaram semanas para identificar o problema e, quando era algo conhecido no resto do mundo, já havia milhares de pessoas infectadas".

"Agora, pelo menos, já há uma infraestrutura para enfrentar o problema e esta parece estar agindo rapidamente — tanto na identificação da infecção, na confirmação dos casos e no controle de acesso à cidade", acrescenta.

ANEXO B – MATÉRIA “CORONAVÍRUS: COMO O SURTO ESTÁ ESPALHANDO ANTIGOS PRECONCEITOS SOBRE A CHINA E SEUS HÁBITOS CULTURAIS”

Abaixo, o texto da matéria foi copiado e colado na íntegra, com a exata formação e conteúdo observados no dia 16 de abril de 2024.

Coronavírus: como o surto está espalhando antigos preconceitos sobre a China e seus hábitos culturais

Mariana Alvim - @marianaalvim

Da BBC News Brasil em São Paulo

31 janeiro 2020



HAWAII STATE ARCHIVES/PHOTOGRAPH COLLECTION

Legenda da foto: Quarentena na Chinatown de Honolulu, em 1899; 'a peste vive e se reproduz na imundície e, ao chegar em Chinatown, encontrou seu habitat' escreveu em documento da época o responsável pelo conselho de saúde do Havaí

Na cidade chinesa de Xangai, para onde se mudou a trabalho, o arquiteto Gabriel Kyoshima está cauteloso diante do novo tipo de coronavírus que teve origem no país. Mas há outra coisa o preocupando, e ela vem do Brasil diretamente para seu celular.

"Minha mãe me mandou um vídeo que recebeu em grupos — de pessoas correndo, caindo, parecia vídeo de ataque de zumbi. Nem era na China. A gente está sendo bombardeado de *fake news*", desabafa Kyoshima, de 30 anos, sobre informações falsas sobre a China e o surto atual de coronavírus.

"É fácil divulgar vídeo da China sem conhecer o país. No mundo é normal isso: o chinês é tratado como uma invasão. Estou muito cansado disso e bravo com esse preconceito", diz o arquiteto, que é descendente de japoneses, à BBC News Brasil.

O relato de Kyoshima se junta a outros pelo mundo de reações preconceituosas contra pessoas associadas à China — seja por sua nacionalidade, ascendência familiar ou aparência física.

Na França, por exemplo, relatos de hostilidades vividas por estas pessoas no transporte público, em escolas e em unidades de saúde estão sendo reunidos pela hashtag #JeNeSuisPasUnVirus (#NãoSouUmVírus).

A Associação de Jovens Chineses na França publicou em suas redes sociais estar recebendo pedidos de ajuda psicológica por vítimas de discriminação desde o surgimento do novo tipo de coronavírus — não só de pessoas de origem chinesa, mas também coreana, cambojana, vietnamita e filipina.

Na Coreia do Sul, mais de 500 mil pessoas assinaram uma petição na plataforma online Blue House (criada pelo governo para receber petições dos cidadãos) exigindo que visitantes chineses sejam impedidos de entrar no país — apesar de restrições a viagens de pessoas de um país inteiro irem contra normas internacionais, o que foi endossado no último dia 27 em comunicado da Organização Mundial da Saúde (OMS) afirmando que a entidade "não recomenda a aplicação de

qualquer restrição no tráfico internacional, de acordo com as evidências existentes até agora".

Pesquisadores consultados pela BBC News Brasil apontam que preconceitos, como em relação a comidas consideradas exóticas consumidas na China ou a turistas saudáveis vindos de países asiáticos, podem mascarar problemas concretos e até atrapalhar a tomada de decisões em relação a eles — como uma vigilância sanitária eficiente em mercados que vendem alimentos de origem animal ou a transparência na circulação de passageiros por aeroportos.

"Segundo o Regulamento Sanitário Internacional, nenhum país pode tomar medidas consideradas extremas que não tenham evidências que as sustentem — por exemplo banimento de voos, fechamento de fronteiras. Essa proteção existe para evitar impedimentos ou restrições não justificáveis de viagem e comércio. Lutamos contra isso durante a pandemia de influenza em 2009, que alguns lugares estavam chamando de 'gripe mexicana'", explicou à BBC News Brasil o médico sanitário e epidemiologista brasileiro Jarbas Barbosa, atualmente diretor-assistente da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas), braço regional nas Américas da OMS.

"Em 2015, havia três países com transmissão de ebola na África — mas outros países estavam inclinados a considerar como caso suspeito qualquer pessoa que vinha do continente africano, mesmo que 5 mil km longe dos locais de transmissão." "Esse tipo de medida (restritiva) é excessiva, não protege nenhum país de importar casos e, pelo contrário, termina incitando as pessoas a não agirem com transparência — e nem os países que precisam comunicar os dados. Além de ser ética e moralmente desaconselhável, porque induz à xenofobia", diz Barbosa, indicando que em crises como a atual, a atuação nos aeroportos deve ser mais vigilante na saída de passageiros de locais com transmissão (como Wuhan, por exemplo) e, no mundo todo, deve fazer desses locais meios de divulgação de informações sobre sintomas e locais de atendimento.



REUTERS/CARLOS OSORIO

Legenda da foto: Comércio em Chinatown de Toronto, no Canadá, foi afetado no surto de Sars nos anos 2000; teme-se efeito de novo impacto com o surto atual de coronavírus

Para cientistas sociais que vêm estudando especificamente a contaminação de questões de saúde por preconceitos culturais, o episódio do novo coronavírus não é novo: é uma atualização de antigos preconceitos associados à China e à Ásia que já apareceram desde em uma epidemia de peste bubônica no século 19 ao surto mundial da Síndrome Respiratória Aguda Grave (Sars) no início dos anos 2000.

"A expressão 'perigo amarelo' (usada no Ocidente como designação preconceituosa contra o Leste asiático a partir do século 19) pode parecer datada, mas definitivamente vemos que algumas narrativas tradicionais contra os chineses continuam hoje — em particular na forma com que eles são estigmatizados como bodes expiatórios em questões médicas", apontou em entrevista à BBC News Brasil o historiador Sören Urbansky, especialista em Rússia e China do Instituto Alemão de História em Washington, EUA.

"Na situação de agora (do coronavírus), algumas representações na mídia e falas de políticos ou pessoas comuns certamente têm paralelos no passado", diz Urbansky,

citando como exemplo um cartum publicado por um jornal dinamarquês em que uma bandeira chinesa é formada por partículas representando o coronavírus.

"O mais preocupante em conteúdos como esse é a xenofobia que podem estimular entre pessoas comuns. Nas redes sociais, você pode encontrar muitas postagens e tuítes com avisos para que não se coma comida chinesa ou pedidos de proibição de viagens."

Preconceito com hábitos alimentares

Urbansky é organizador do livro *Yellow perils: China narratives in the contemporary world* ("Perigo amarelo: Narrativas sobre a China no mundo contemporâneo", em tradução livre), lançado em 2018, ao lado do antropólogo Franck Billé, da Universidade da Califórnia em Berkeley.

Na introdução do livro, Billé destaca que há muito a Ásia representa culturalmente "o outro" para os europeus, o que é perpetuado na cultura ocidental também contemporaneamente pela preponderância dos EUA — como em papéis estereotipados nos filmes de Hollywood, cujo poder de influência é global.

Os chineses, por sua vez, foram muitas vezes representantes de estigmatizações relacionadas à Ásia como um todo. Mas, como os estudos da cultura não são uma ciência exata, o autor destaca que os ocidentais não têm "monopólio" dessas discriminações — elas variam de local para local e, inclusive, acontecem dentro das fronteiras da própria Ásia e China.

O livro traz capítulos de diversos autores, entre eles Christos Lynteris, antropólogo da medicina e professor na Universidade St. Andrews, no Reino Unido. Ele estuda especificamente aspectos sociais de epidemias e escreveu um capítulo sobre como, ao longo da história, surtos e doenças contribuíram para a estigmatização dos chineses.

"O surto do novo coronavírus trouxe de volta à tona a sinofobia (xenofobia contra a China) em formas veladas ou abertas. A mais nociva, talvez, como no caso anterior

de Sars, seja o ódio digital e a difamação dos hábitos alimentares dos chineses", escreveu Lynteris à BBC News Brasil por email.

Um símbolo disso, diz o antropólogo, são os chamados *wet markets* ("mercados molhados"), usualmente caracterizados por vender animais vivos e abatidos no local — "um termo que não ajuda, porque abrange vários tipos de mercados", explica o antropólogo.

No início de janeiro, a própria China informou à OMS que os primeiros casos de coronavírus podiam ter ligação com um mercado de frutos do mar na cidade de Wuhan.

Lynteris critica o habitual retrato desses variados mercados na mídia ocidental, com imagens "destinadas a chocar o público" de animais apresentados como exóticos; que misturam capturas de diferentes mercados ao redor da China apesar das diferenças locais e culturais; e que excluem "a maior parte das atividades desses mercados, que seriam absolutamente familiares (aos ocidentais)".



EPA/HOW HWEE YOUNG

Legenda da foto: Passageiros em aeroporto de Cingapura; organismos internacionais como OMS se colocam contra medidas 'extremas' como fechamento de fronteiras e banimento de voos



NICOLAS ASFOURI/AFP

Legenda da foto: Os chamados 'mercados molhados' viram símbolo da estigmatização de hábitos alimentares chineses, apontam cientistas sociais; na foto, se vê um mercado em Pequim

"Essa é uma forma sutil, mas pernicioso, através da qual até a mídia mais esclarecida estimula a sinofobia: retratando os hábitos chineses de alimentação e consumo como em descompasso com a modernidade; como resquícios irracionais, nojentos e patogênicos de um passado obscuro", afirma, apontando que essa estigmatização contribui para uma pressão internacional pelo banimento desses mercados.

"O que é preciso é uma regulação melhor, mais intensa e baseada em evidências desses mercados, e não levá-los para a ilegalidade", diz.

O consumo de animais como cachorros, cobras e ratos atende a diferentes hábitos culturais locais na China e podem ter finalidades tanto alimentícias quanto místicas.

Estudiosos, porém, são cautelosos quanto ao alcance deste tipo de alimentação no país.

Nas redes sociais, inclusive no Brasil, circularam fotos e vídeos do que seriam sopas de morcegos consumidas em Wuhan — apontadas, nos boatos, como possível origem do novo coronavírus. Checagens profissionais posteriores mostraram, por exemplo, que uma dessas imagens era antiga e feita em outro país; tampouco foi encontrada comprovação de que alguma das imagens de sopa de morcego fosse verdadeira.

Inclusive, nada menos do que 35 cientistas, a maioria da China, publicaram nesta semana um artigo no *Lancet*, um dos periódicos de medicina mais importantes do mundo. No trabalho, eles frisam que não havia venda ou presença de morcegos no mercado de Huanan.

Estes animais entram, sim, na hipótese dos acadêmicos para a origem do coronavírus — comparando a sequência genética do vírus encontrado em humanos com uma "biblioteca" de vírus já sequenciados, os cientistas encontraram compatibilidade de 88% com coronavírus encontrados em morcegos.

No entanto, estes seriam hospedeiros do vírus, por sua vez possivelmente transmitido por algum outro animal ainda indeterminado e vendido no mercado de Wuhan.

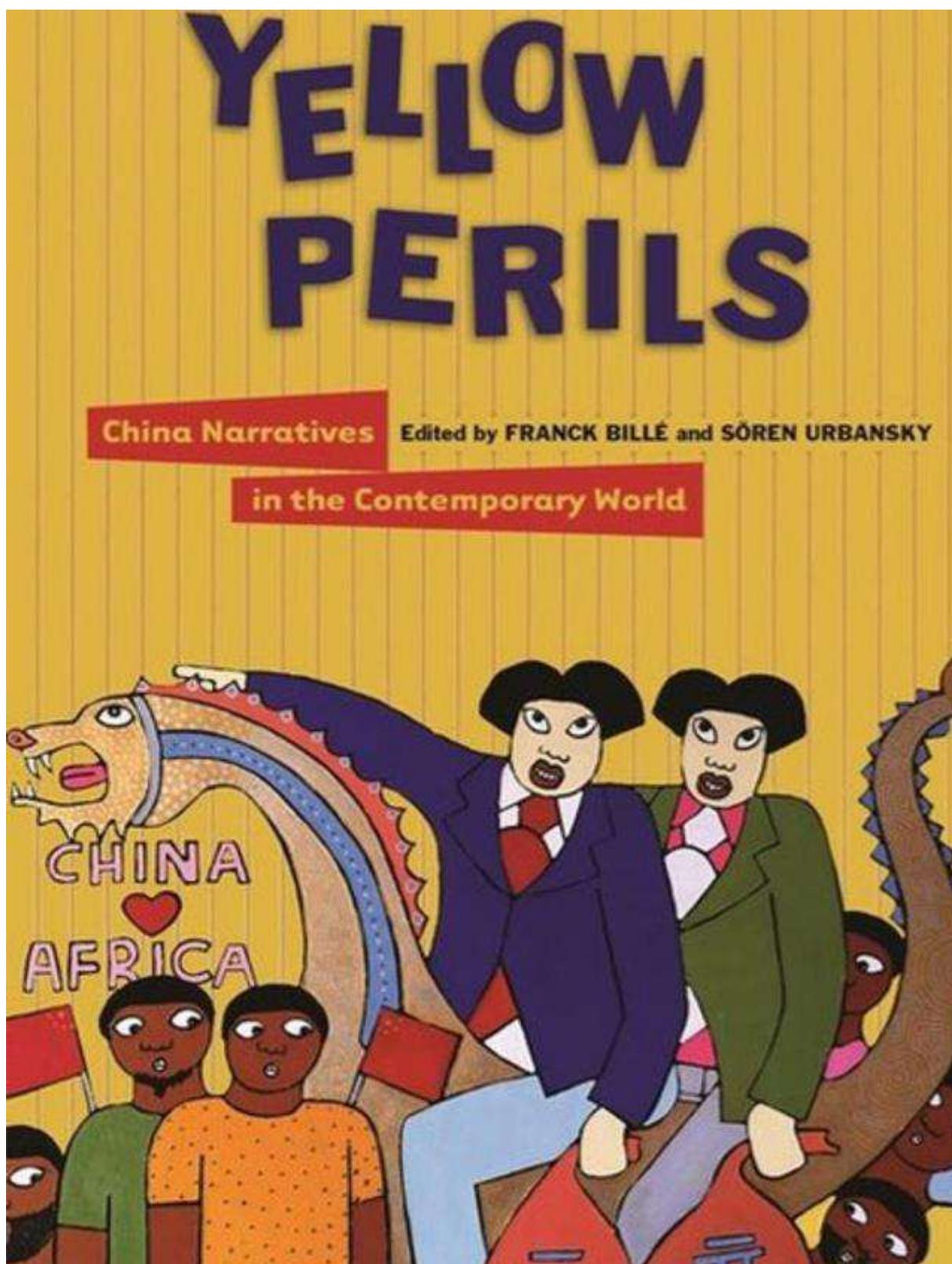
Discriminação contra as 'Chinatown's'

Sobre a época do surto de Sars, Lynteris e Sören citam relatos de queda no comércio de imigrantes chineses em metrópoles ocidentais, como em Toronto, no Canadá (o país teve o maior número de casos fora da Ásia, com mais de 40 mortes).

Também houve casos de consumidores chineses saudáveis sendo impedidos de comprar ou se hospedar em acomodações pelo mundo; ou ainda a ilustração de reportagens sobre a síndrome com uma enxurrada de fotos de *Chinatown's* (bairros

com muitos imigrantes chineses) e pessoas com traços asiáticos, ainda que estas não tivessem infecções.

A síndrome surgiu em 2002 na Província chinesa de Guangdong, ficando por meses desconhecida da comunidade internacional, o que motivou críticas à transparência do governo chinês até hoje. Com ápice em 2003, ela chegou a mais de 26 países e matou quase 800 pessoas ao redor do mundo.



REPRODUÇÃO/UNIVERSITY OF HAWAII PRESS

Legenda da foto: Reprodução da capa de 'Yellow perils: China narratives in the contemporary world', que traz capítulos sobre estereótipos sobre o país asiático

Lynteris destaca que questões de saúde recentes como essa vão ao encontro de uma noção de crescimento, populacional e econômico, descontrolado da China. Outros estudos no livro *Yellow perils: China narratives in the contemporary world* apontam para uma "ansiedade" quanto ao poder da China, perceptível também na recorrência de palavras como "ameaça" em publicações científicas e leigas.

Mas, no passado, doenças e infecções eram associadas a uma outra imagem da China: a de decadência, aponta Lynteris.

No fim do século 19, uma terceira epidemia de peste bubônica teve início em Hong Kong (quando era parte do Império Britânico; hoje, ela é uma Região Administrativa Especial da China).

De acordo com o antropólogo, uma extensa bibliografia já mostrou como, nesse período, publicações da imprensa e relatos de médicos britânicos contribuíram para associar a doença às casas e aglomerações chinesas — inclusive em comunidades de imigrantes no exterior.

Somaram-se a isso pressões internas e externas contra a última dinastia imperial da China, a era Qing, vista por médicos coloniais como resistente à vacinação e associada a uma ideia de decadência da civilização chinesa e sua suposta resistência a se adaptar à modernidade.

Nas *Chinatowns* dos EUA, por exemplo, além de serem encarados pelos americanos como competidores em negócios e postos de trabalho, os imigrantes asiáticos passaram a ser relacionados a doenças.



REPRODUÇÃO/CALIFORNIA DIGITAL NEWSPAPER COLLECTION

Legenda da foto: Ilustração e imagens em jornal californiano retratam moradores de Chinatown depois de fim de quarentena em 1900 — imposta após casos de peste bubônica

"Estudo a história de várias comunidades da diáspora chinesa no Pacífico. Na virada do século 20, os imigrantes chineses eram vistos como mais perigosos do que outros grupos de imigrantes — não apenas na Califórnia, mas também em lugares como o Extremo Oriente russo", aponta Sören.

"Por exemplo, quando um surto (de peste bubônica) eclodiu em São Francisco em 1900, apenas os chineses foram colocados em quarentena. Naquela época, era bastante normal descrever os migrantes chineses como uma ameaça à segurança física da maioria (branca) da população."

"O que as pessoas daquela época ignoravam completamente eram vários fatores estruturais que eram as principais causas da miséria: os residentes chineses eram forçados a viver em certos guetos étnicos que muitas vezes eram negligenciados pelas autoridades."

"Penso que o perigo hoje é que as pessoas também tendem a ignorar problemas estruturais que certamente são diferentes daqueles do passado e, ao negligenciá-los, estigmatizam completamente o povo chinês."

** Colaborou Letícia Mori, da BBC News Brasil em São Paulo*